



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSPECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

RELATÓRIO
DE
AUDITORIA
PEDAGÓGICA

EBI DA MAIA

2003

	Págs.
ÍNDICE	01
CAPÍTULO I	
Introdução	03
Objectivos	04
Metodologia	05
CAPÍTULO II	
1 - Caracterização da escola	07
Identificação	07
Regime de funcionamento	07
Órgãos de administração e gestão	07
2 - População escolar	08
Distribuição da população escolar	08
Educação pré-escolar	08
Dimensão e constituição de turmas	09
Apoios socioeducativos	11
Enquadramento sociocultural das famílias	11
3 - Recursos humanos	14
Caracterização do pessoal docente	14
Distribuição do serviço docente	16
Caracterização do pessoal não docente	17
Satisfação do pessoal docente, discente, não docente e encarregados de educação	18
4 - Recursos físicos	22
Espaços	22
Equipamentos	22
Qualidade e bem-estar das instalações	23
5 - Recursos financeiros	25
Distribuição dos recursos financeiros da escola	25
6 - Projecto curricular	26
Ofertas curriculares	26
Cumprimento de programas	26
Tempo dedicado às aprendizagens	26
Apoio educativo	28
Formação de professores	29
7 - Contextos Educativos	30
Participação da comunidade na vida da escola	30
Incidentes críticos	30
Participação da comunidade educativa nas decisões	30
Trabalho cooperativo entre professores	33

8 - Resultados dos alunos	35
Qualidade do sucesso	35
Taxa de abandono real	38
Percurso de uma geração de alunos	39

CAPÍTULO III

1 - O desempenho da escola	41
Instrumentos de autonomia da escola	41
Funcionamento dos órgãos de gestão	44
2 – Recomendações	47
Anexos	49

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A auditoria pedagógica, sendo uma modalidade de intervenção prevista no Plano Anual de Actividades da IRE, permite uma dinâmica de intervenção pedagógica, pela equipa inspectiva, que articula a avaliação interna da escola com a avaliação externa.

Surge, desta forma, no âmbito das competências estabelecidas na alínea a) do artigo 3.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 21/2002/A, de 26 de Julho, que aprovou a orgânica da Inspeção Regional de Educação, nomeadamente “*conceber, planear, coordenar e avaliar a execução de inspecções, auditorias e vistorias aos estabelecimentos e serviços integrados no sistema educativo*”, competindo-lhe “*recolher informações e elaborar relatórios sobre a situação dos estabelecimentos e serviços em matéria pedagógica (...) no âmbito das acções inspectivas efectuadas*”, em cumprimento do disposto, na alínea e) do artigo supra citado, do mesmo diploma.

Nesse sentido, esta articulação não tem outro fim senão o de garantir a convergência de interesses e assegurar o controlo e a dinamização do sistema e das respectivas instituições.

Por outro lado, a auditoria enquadra-se numa filosofia que, sem esquecer a conformidade normativa, privilegia não só a compreensão das soluções e das iniciativas das escolas, como a necessidade de contextualizar certos aspectos, como garantia de um melhor funcionamento e de melhores resultados no âmbito das respectivas autonomias.

Para além disso, a auditoria é em si mesma, uma estratégia de diagnóstico e de resolução de problemas, com capacidade mobilizadora das comunidades educativas.

Assim sendo, contribui para melhorar a qualidade da educação, na medida em que permite a realização dum processo que é continuamente construído e reflectido.

Sendo esta auditoria de carácter parcelar, o seu objecto centrou-se na avaliação dos alunos, nas suas vertentes pedagógica e organizacional, pretendendo desta forma avaliar o modo como a EBI da Maia organizou o respectivo processo.

A escolha desta área prendeu-se com a importância que o processo de avaliação dos alunos desempenha no contexto do ensino/aprendizagem sem esquecer que a avaliação como elemento integrado, integrante e regulador da prática educativa, permite a recolha sistemática de informações destinadas a apoiar a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

Na impossibilidade de análise do processo em todas as disciplinas do currículo, foi seleccionada a disciplina de Língua Portuguesa, por constituir uma área de formação transdisciplinar, no âmbito do ensino básico.

Estando a decorrer a reorganização curricular no ensino básico, interessou de forma particular verificar o modo como a escola em questão discutiu, pôs em execução e tem avaliado este novo modelo de organização pedagógica.

OBJECTIVOS

A auditoria teve como objectivos:

1. Analisar o modo como a **Escola Básica Integrada da Maia** organiza o processo de avaliação dos alunos.

Para isso foi necessário verificar se:

- Os documentos consolidadores da autonomia da escola contemplavam o domínio da avaliação dos alunos;
 - Os critérios gerais de avaliação estavam definidos a nível de conselho pedagógico, operacionalizados em conselho de departamento/grupo/disciplina e aplicados em conselho de turma;
 - Os critérios definidos contemplavam o domínio dos conhecimentos, competências, atitudes e valores;
 - Os alunos e encarregados de educação eram intervenientes no processo de avaliação, de acordo com normas previstas no Regulamento Interno;
 - Eram praticadas as diferentes modalidades de avaliação;
 - Eram utilizados meios de avaliação adequados e diversificados;
 - Eram utilizadas diversas modalidades de apoio educativo;
 - Os registos de avaliação dos alunos eram elaborados com clareza e em linguagem compreensível para os pais/ encarregados de educação;
 - A escola reflectia sobre os resultados obtidos pelos alunos;
 - Essa reflexão conduzia a alterações na organização do processo de ensino/aprendizagem.
2. Fomentar procedimentos indutores da auto-avaliação da escola, através da avaliação externa, com vista ao controlo da qualidade educativa.

METODOLOGIA

A acção compreendeu a revisão e actualização prévias do material constante dos cadernos I e II.

O caderno I reúne um conjunto de materiais de suporte teórico e organizativo do projecto de Auditoria, com carácter de documento orientador. É um manual de apoio aos inspectores auditores, bem como aos agentes das próprias escolas, ao mesmo tempo que funciona como documento de registo da informação recolhida pela escola. Esta recolha constituiu uma fase de auto-avaliação da Escola e serviu de base ao trabalho dos inspectores auditores.

O caderno II constitui o roteiro do trabalho da equipa inspectiva no terreno e contém a indicação do tipo de informação a obter.

A auditoria iniciou-se com o envio do ofício n.º 58 de 25-02-2003, pela IRE, a dar conta da selecção da escola para o projecto de auditoria e a informar da data da primeira reunião a realizar com as respectivas estruturas.

A reunião de apresentação da auditoria à comunidade educativa realizou-se no dia 12 de Março de 2003 e foi feita pelas inspectoras Maria Filomena Tavares Silva de Medeiros e Maria Amélia Correia de Campos, tendo estado presente o Inspector Regional de Educação.

O trabalho de campo iniciou-se no dia 31 de Março, com uma cuidada apresentação da escola feita pela senhora Presidente do Conselho Executivo e demais elementos tendo continuado até ao dia 3 de Abril. A sua realização foi da responsabilidade das inspectoras já mencionadas.

No âmbito do trabalho de campo procedeu-se:

1- À análise de documentos:

- Projecto Educativo da Escola (P.E.E.);
- Plano Anual de Actividades (P.A.A.);
- Regulamento Interno (R.I.);
- Actas da Assembleia de Escola;
- Actas do Conselho Executivo;
- Actas do Conselho Pedagógico, a partir de Março de 2001;
- Actas do Conselho de Departamento de Línguas;
- Actas do Conselho de Grupo/Disciplina de Língua Portuguesa;
- Actas de Conselhos de Turma;
- Actas dos Conselhos de Núcleo;
- Projectos Curriculares de Turma;
- Pautas do 1.º período de duas turmas por ano de escolaridade;
- Cadernos de registo diário das actividades dos alunos do 1º ciclo;
- Cadernos de registo diário de actividades dos alunos, relativos à disciplina de Língua Portuguesa do 2.º e 3.º ciclos;
- Dossiês de Directores de Turma;
- Dossiê da disciplina de Língua Portuguesa;

- Livros de registo de sumários;
- Dossiê de arquivo de documentos relativos à preparação do ano lectivo.

2- A entrevistas a elementos da escola:

- Presidente do Conselho Executivo;
- Presidente do Conselho Pedagógico;
- Presidente da Assembleia de Escola;
- Presidente da Associação de Pais;
- Encarregada do Pessoal Auxiliar;
- Coordenador de Directores de Turma;
- Directores de Turma;
- Coordenadores de Núcleo;
- Delegados/Representantes da disciplina de Língua Portuguesa dos 2.º e 3.º ciclos;
- Responsável pela área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado;

Concluído o trabalho de campo, a equipa elaborou o pré-relatório que foi tornado presente à comunidade educativa no dia 20 de Maio de 2003, pelas inspectoras intervenientes no processo de auditoria.

O pré-relatório apresentou uma primeira síntese da observação e recolhas feitas, possibilitando um confronto de opiniões com os presentes, uma vez que se tratava de uma visão externa da escola a ser confrontada com a visão interna da mesma, havendo lugar a um diálogo esclarecedor por parte de alguns elementos da escola, bem como a opiniões e justificações das respectivas tomadas de posição. Em nosso entender, foi um momento importante para todos os presentes.

CAPÍTULO II

1 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Identificação: EBI da Maia

A Escola Básica Integrada da Maia fica situada no Ramal de São Pedro, 9625-380 Maia, concelho de Ribeira Grande, com o telefone n.º 296440010, fax n.º 296440016 e correio electrónico ebi.maia dre.raa.pt

Sendo uma EBI, é constituída por 24 edifícios, em 8 dos quais funciona a educação pré-escolar e o 1.º ciclo.

Os edifícios da EB 2,3 têm 26 salas consideradas normais e 13 consideradas específicas. Serve uma população escolar oriunda de meios tipicamente rurais, dispersos, abrangendo as freguesias de Lomba de S. Pedro, Fenais d'Ajuda, Ribeira Funda, Lomba da Maia, Lombinha da Maia, Maia, Porto Formoso e S. Brás, que permanece na escola até final da escolaridade básica.

Regime de funcionamento

Funciona em regime normal, iniciando a sua actividade entre as 8:30 e as 09:00 horas, conforme se trate do 2.º/3.º ciclos ou do 1.º.

O período da manhã termina às 13:30 horas, enquanto que o da tarde decorre entre as 13:45 e as 16:00 horas, para a escola 2,3. Para as escolas do 1.º ciclo, o período da manhã tem interrupção para almoço das 12:00 às 13:00 horas e reinicia, para dar continuidade às actividades do período da tarde, das 13:00 às 15:00 horas.

Assim sendo, o tempo real de abertura semanal é de **35 horas**, conforme os dados fornecidos pela escola em referência.

Órgãos de administração e gestão

Os órgãos de administração e gestão da escola encontram-se devidamente instalados e desempenham as suas competências de acordo com o definido no Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, alterado pela Lei n.º 24/99, de 22 de Abril, aplicado à Região pelo Decreto Legislativo Regional n.º 18/99/A, de 21 de Maio.

2 - POPULAÇÃO ESCOLAR

A população escolar da EBI da Maia é constituída por um total de **1207 alunos** sendo **217** da educação pré-escolar, **506** do 1.º ciclo, **226** do 2.º e **258** do 3.º ciclo do ensino básico.

Distribuição da população escolar

O gráfico 1 apresenta a população escolar que a EBI da Maia atende.

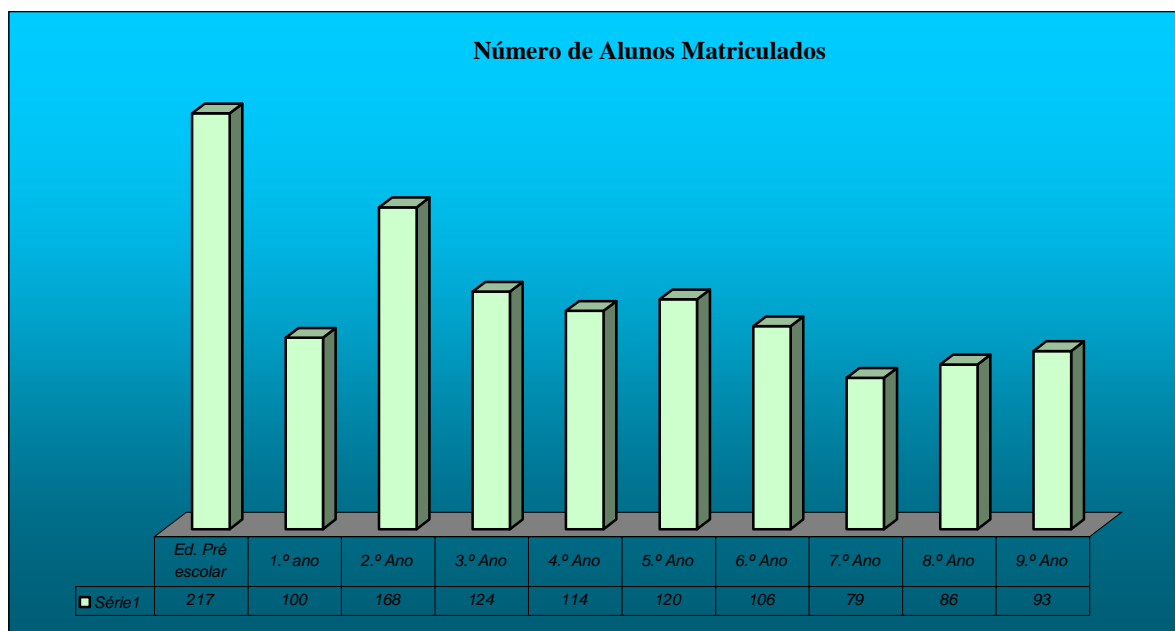


Gráfico 1

Da leitura do mesmo verifica-se existir um número considerável de crianças que frequentam a educação pré-escolar e o 1.º ciclo, o qual, considerado na sua totalidade, apresenta o maior número de alunos, quando comparado com os restantes ciclos.

Educação pré-escolar

Crianças inscritas e admitidas

Idades	Total de crianças inscritas	Total de crianças inscritas pela 1.ª vez	Total de crianças admitidas	Total de crianças admitidas pela 1.ª vez
3 anos	25	25	25	25
4 anos	71	55	71	55
5 ou + anos	121	43	121	43
Total	217	123	217	123

Pela leitura do quadro, percebemos que o total de crianças inscritas corresponde ao total de crianças admitidas. Da mesma forma constatamos que o total das crianças inscritas pela

1.^a vez corresponde ao total das crianças admitidas pela 1.^a vez, o que nos permite concluir que A EBI da Maia consegue cobrir a educação pré-escolar da área geográfica que serve.

Distribuição de crianças por grupo

	Total de grupos	<= 9	10 a 14	15 a 19	>= 20	N.º de crianças por grupo
N.º de grupo	13	0	4	7	2	Min. 11 Max. 25

Da leitura do quadro verifica-se que a distribuição das crianças da educação pré-escolar por grupos oscila entre as 11 e as 25, predominando os grupos com n.º de crianças entre os **15** e os **19**. É de realçar a não existência de grupos constituídos por um n.º inferior ou igual a **9**, considerando a área pedagógica que a escola serve, onde tende a diminuir a população escolar.

Dimensão e constituição de turmas

Das **28** turmas do 1.º ciclo, verificamos que são constituídas por um n.º de alunos que oscila entre os **10** e os **23**. Verifica-se uma predominância de turmas, constituídas por um n.º de alunos que varia entre os **15** e os **20** (um total de 17).

As **5** turmas do **5.º ano** são totalmente constituídas por um número de alunos que oscila entre os **21** e os **25**.

Verifica-se também que as **5** turmas do **6.º ano** são predominantemente constituídas por um n.º de alunos que varia entre os **21** e os **25**.

O 3.º ciclo do ensino básico conta com **4** turmas no **7.º ano**, cada uma constituída por um número de alunos que varia entre os **15** e os **20**; **4** turmas do **8.º ano** cujo n.º de alunos varia entre os **15** e os **25**; e **5** turmas do **9.º ano**, constituídas por um n.º de alunos que oscila maioritariamente entre os **15** e os **20** e os **20** e **25** alunos.

A distribuição das turmas no gráfico 2 permite-nos uma leitura mais cuidada da mesma:

Dimensão e constituição de turmas

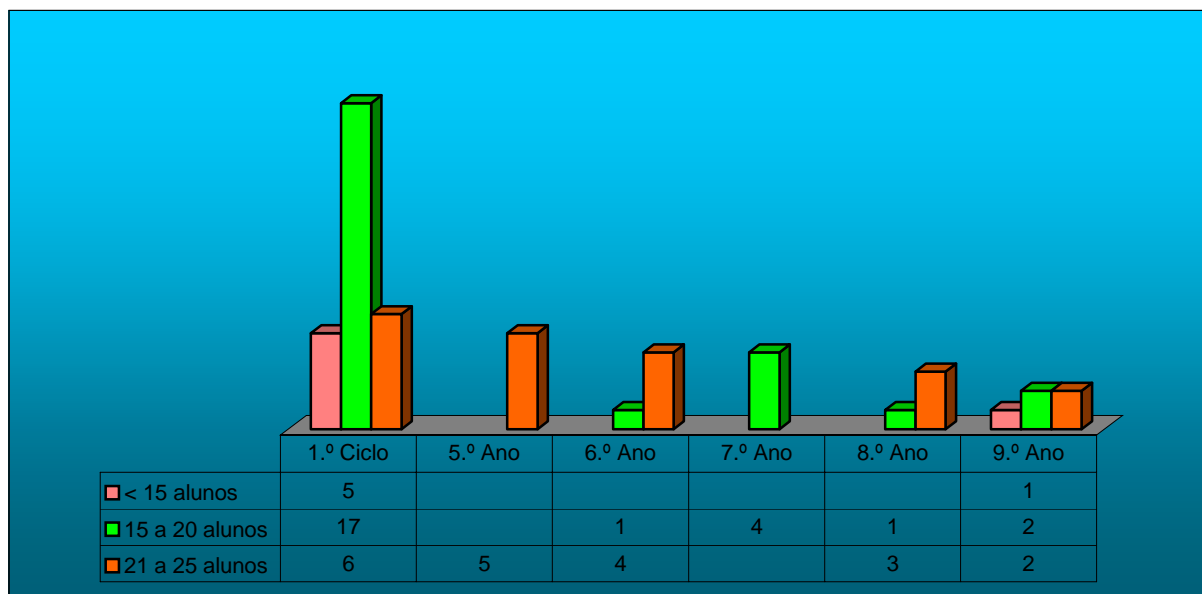


Gráfico 2

Número mínimo e máximo de alunos por turma

Verificamos que o número máximo de alunos por turma no 1.º e 3.º ciclos é de 23 e no 2.º ciclo, é de 25 alunos.

O número mínimo, por sua vez, é bastante mais baixo no 1.º ciclo, conforme se pode confirmar no gráfico 3:

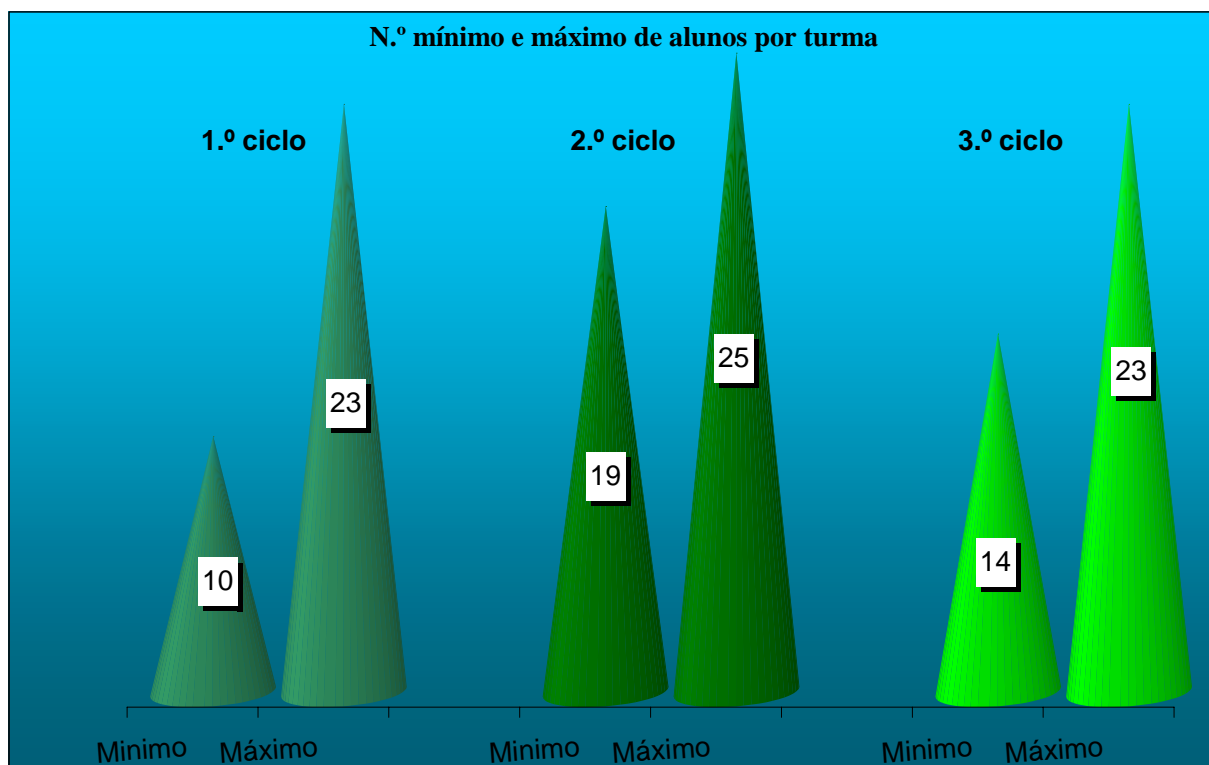


Gráfico 3

A leitura do gráfico 4 permite-nos verificar que o número de alunos retidos por turma varia de **0 a 9** no 1.º ciclo, de **1 a 9**, no 2.º ciclo e de **1 a 6** alunos no 3.º ciclo:

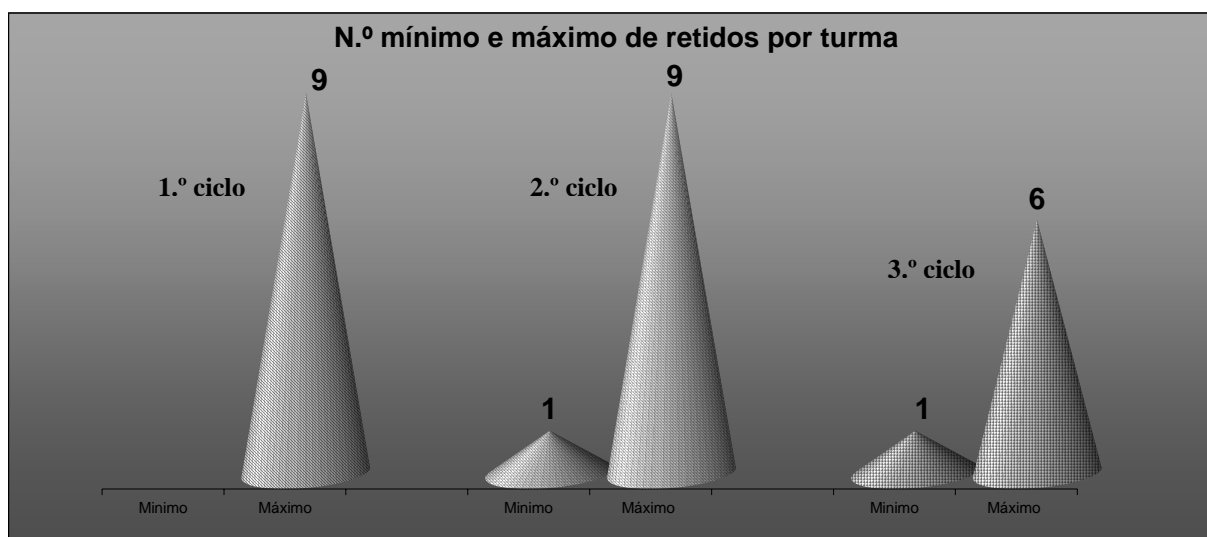


Gráfico 4

Importa referir a existência de turmas, no 1.º ciclo, onde não existem alunos retidos e a existência de outras turmas em que tais alunos chegam a atingir os **9**.

Apoios socioeducativos

Nesta escola verifica-se que **787** alunos beneficiam de **auxílios económicos directos (AED)**, sendo servidas semanalmente **644** refeições subsidiadas, o que corresponde a **87,02%**.

O transporte subsidiado, por ter circuito especial, é utilizado por **431** alunos.

Enquadramento sociocultural das famílias

Nível de escolaridade dos pais

O nível de escolaridade dos pais situa-se maioritariamente entre o 1.º e o 2.º ciclos do ensino básico, com tendência para o 1.º ciclo, o mesmo não acontecendo com as mães onde se verifica um equilíbrio entre os dois ciclos.

Note-se que todos os pais e mães sabem ler e escrever, havendo cinco pais e seis mães que possuem ensino superior, conforme ilustra o gráfico 5:

Nível de escolaridade dos pais

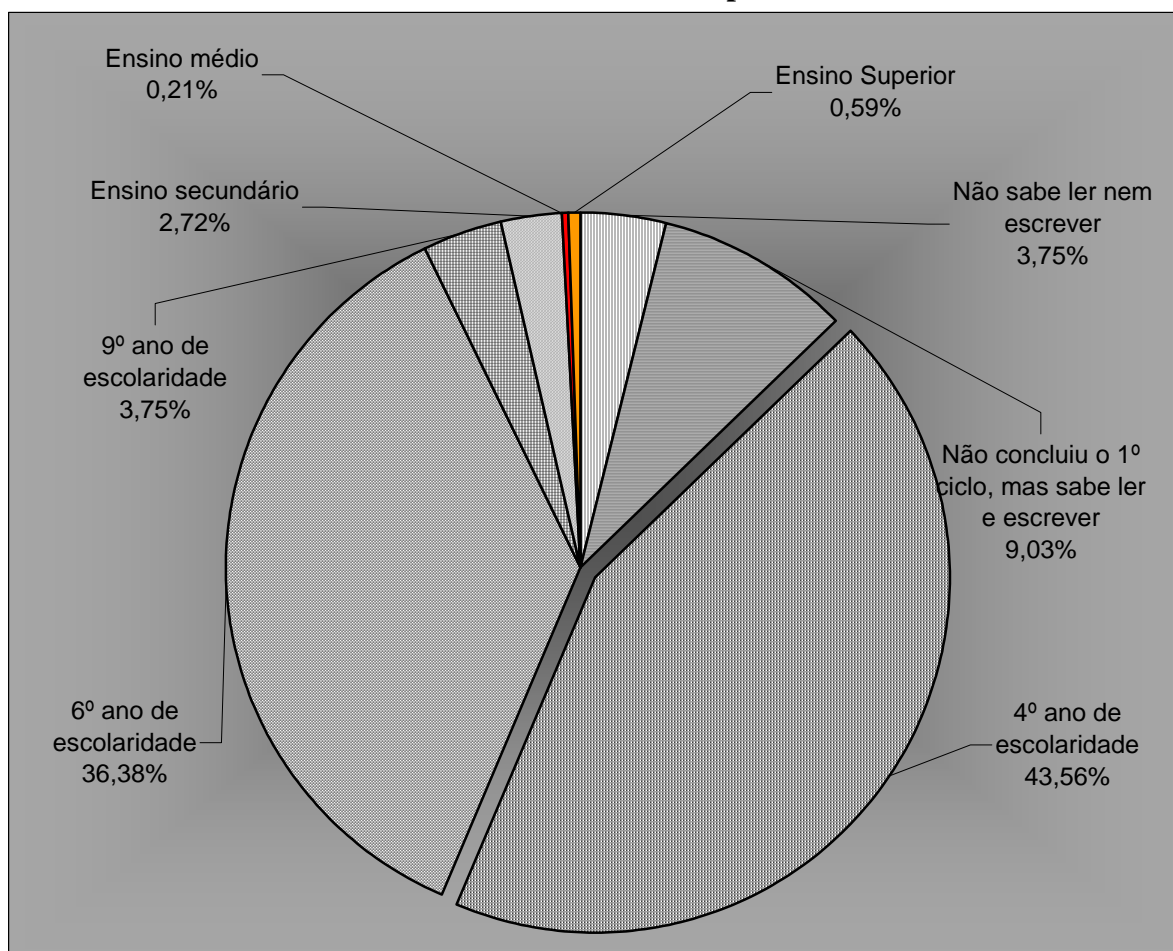


Gráfico 5

A leitura do gráfico permite ver a distribuição do nível de escolaridade dos pais (mães e pais) dos alunos que frequentam a EBI da Maia, constatando-se que uma percentagem significativa dos pais tem como habilitações o 4.º e o 6.º anos de escolaridade.

Habilitações académicas	Nº Inq	Pais %	Nº Inq	Mães %
Não sabe ler nem escrever	38	3,91	31	3,57
Não concluiu o 1º ciclo, mas sabe ler e escrever	91	9,37	75	8,66
4º ano de escolaridade	481	49,53	319	36,8
6º ano de escolaridade	304	31,30	364	42,03
9º ano de escolaridade	33	3,39	36	4,15
Ensino secundário	19	1,95	31	3,57
Ensino médio	0	-	4	0,46
Ensino superior	5	0,51	6	0,69

O quadro mostra, no total de inquiridos, a diferença existente entre pais e mães. Assim, verifica-se que o nível de habilitações académicas das mães é tendencialmente superior ao dos pais, apesar da amostra dos pais ser superior à das mães.

Nível profissional das famílias

A nível profissional, a amostra recolhida dos pais revela uma dispersão por actividades no âmbito da construção civil, agricultura e pesca independente, empregado de comércio e serviços, trabalho agrícola ou pesca e outros, enquanto que as mães se situam predominantemente na actividade doméstica.

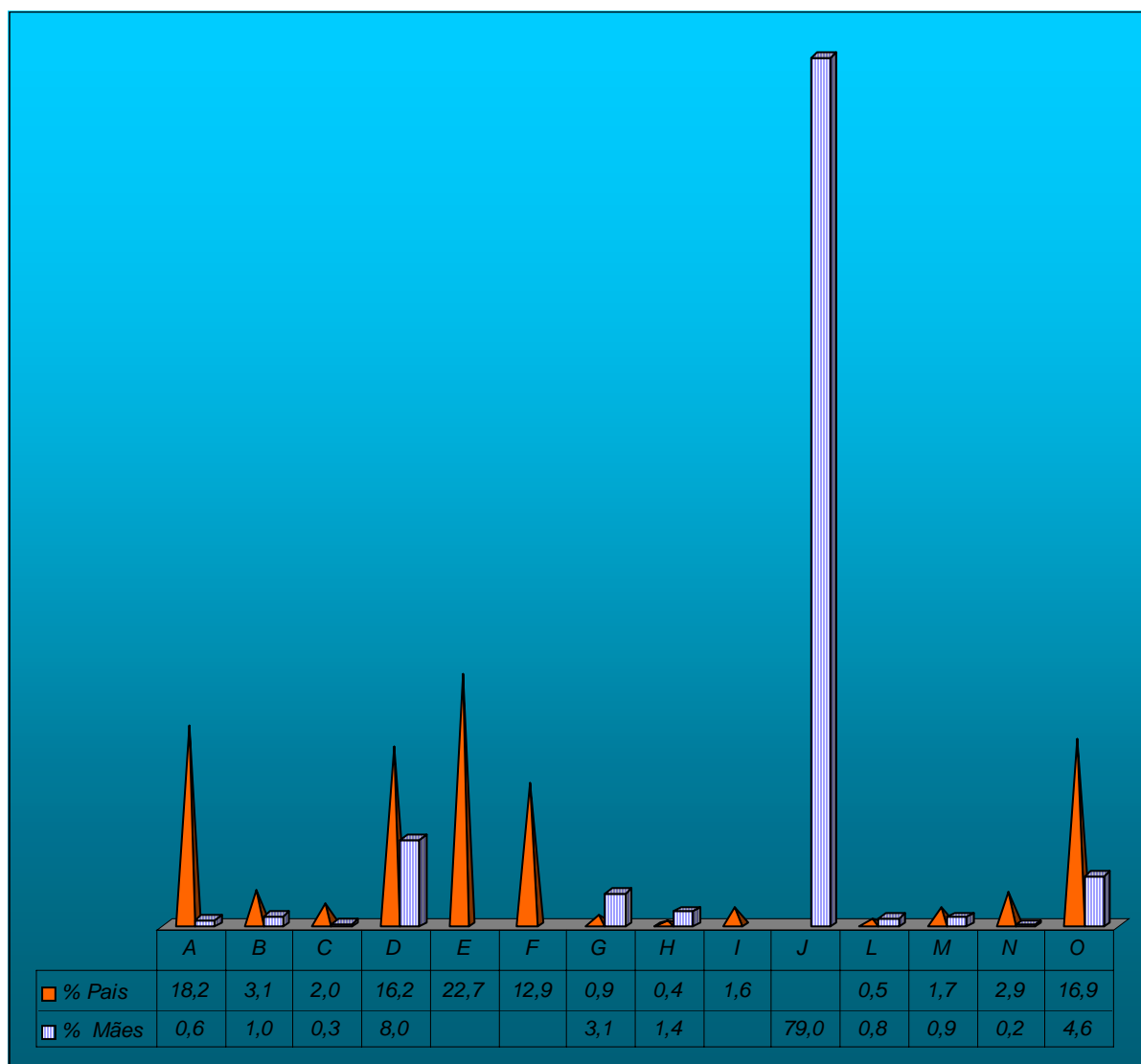


Gráfico 6 – (cfr. eixo nos anexos)

Da leitura do gráfico 6 podemos verificar que, profissionalmente, os pais dos alunos da EBI da Maia se enquadram nos sectores secundário e terciário, enquanto que as mães são, numa maioria significativa, domésticas.

3 - RECURSOS HUMANOS

Caracterização do pessoal docente

Na EBI da Maia existem **121** docentes.

O gráfico 7 apresenta a distribuição dos docentes da escola, **nas respectivas categorias profissionais:**

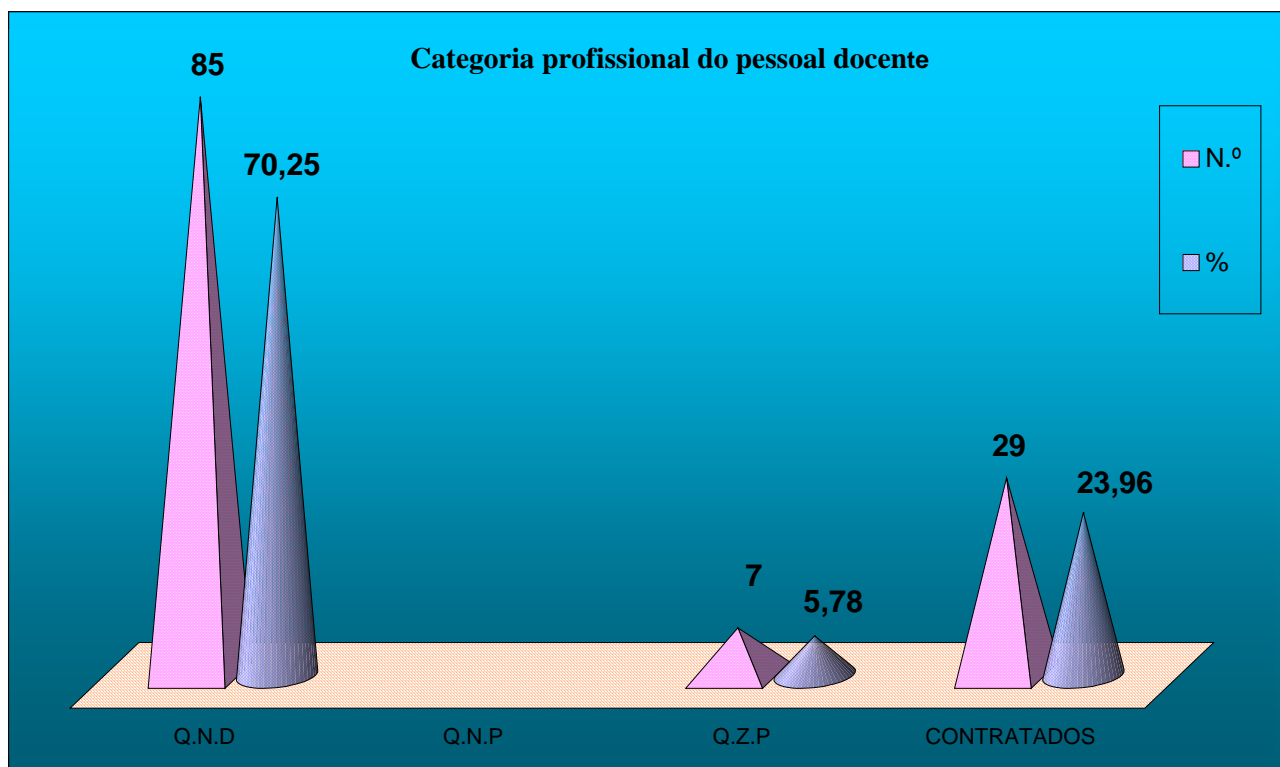


Gráfico 7

O gráfico em referência mostra-nos que os docentes em serviço efectivo na EBI da Maia são, de forma significativa, docentes do quadro de nomeação definitiva, apesar de ainda haver **23,96 %** de contratados.

Os docentes distribuem-se regularmente pelos dois turnos de funcionamento existentes na escola: manhã e tarde.

A nível de **qualificação profissional**, o gráfico 8 mostra que os docentes da escola em questão são maioritariamente **profissionalizados**.

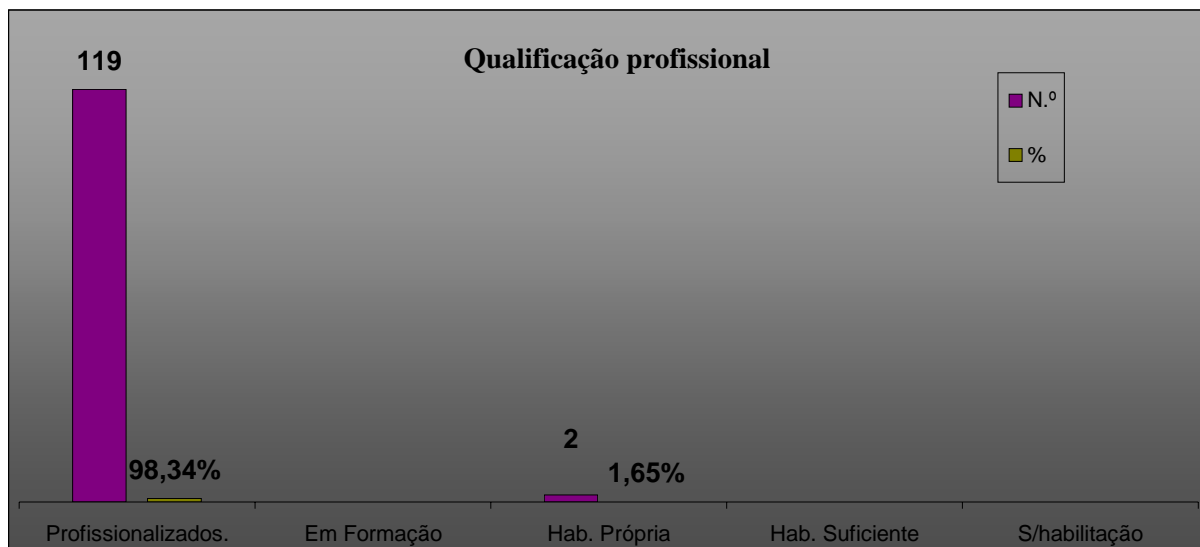


Gráfico 8 – (cfr. eixo nos anexos)

No âmbito da **experiência e antiguidade de serviço na escola**, verificamos que **42** docentes têm entre **1 a 5 anos de serviço**, enquanto que **48** e **53** desempenham a sua actividade na escola entre **0 e 1 ano** e entre **1 a 5 anos de serviço**, respectivamente.

O gráfico 9 permite uma leitura mais precisa, de acordo com os dados fornecidos pela escola.

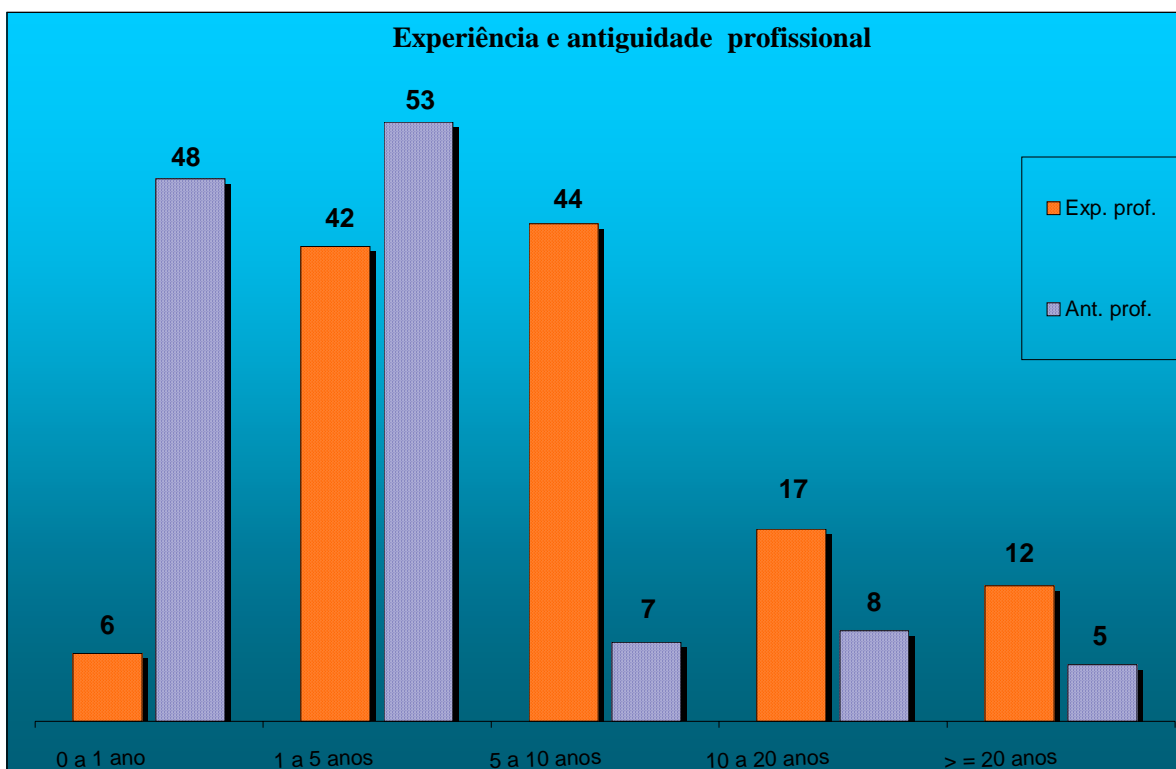


Gráfico 9 – (cfr. eixo nos anexos)

Em termos globais, podemos dizer que existe um corpo docente fixo, considerando os anos de existência da EBI da Maia, sem esquecer que os valores apresentados no gráfico incluem, também, os docentes da educação pré-escolar e os do 1.º ciclo do ensino básico.

Os **semanários-horários** completos distribuídos foram **117** havendo à data da realização da auditoria apenas **1** horário para atribuir.

O **rácio** semanário-horário/aluno é de **0,18**.

Distribuição do serviço docente

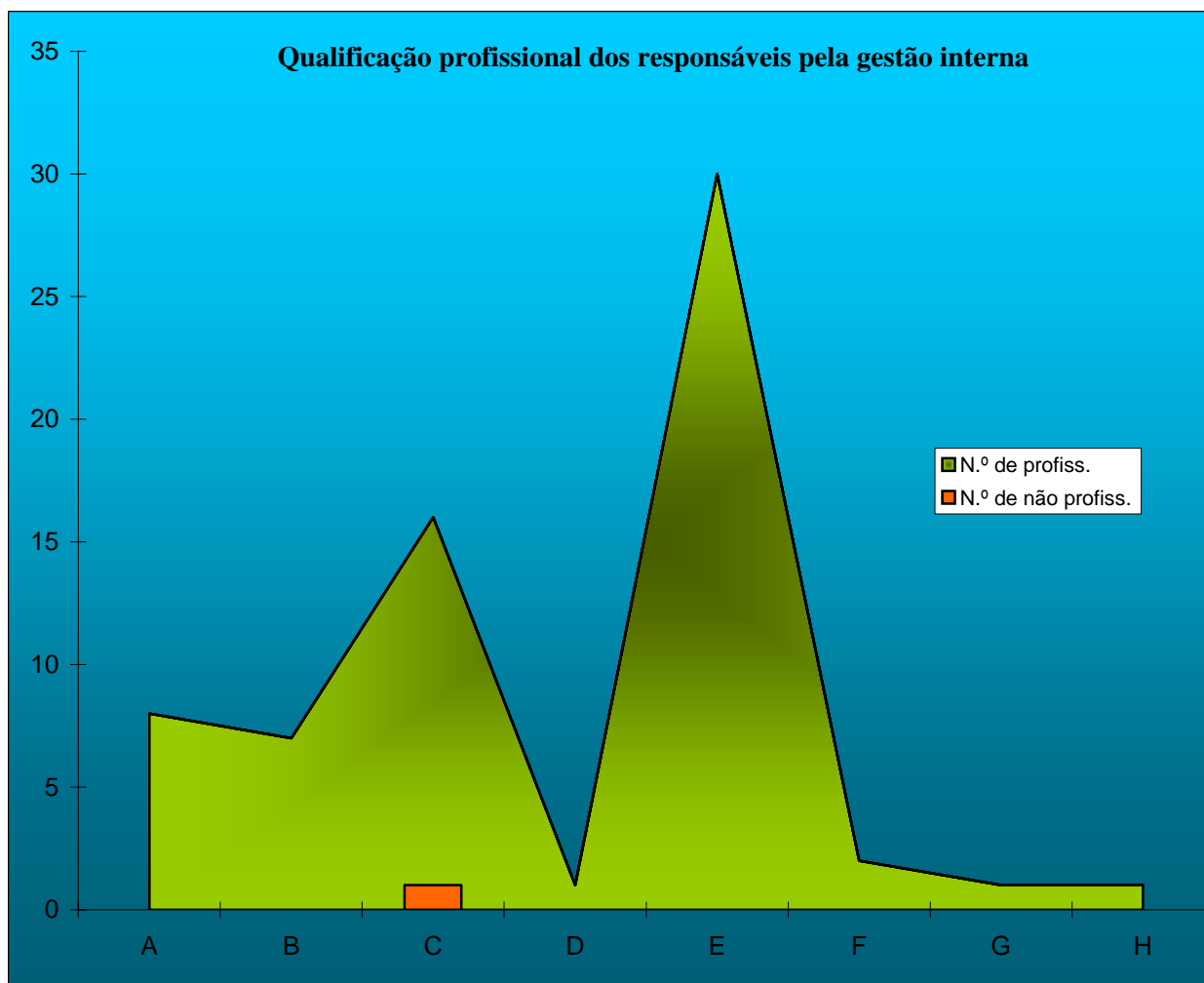


Gráfico 10 – (cfr. legenda nos anexos)

Como se pode verificar no gráfico 10, a **gestão interna** do estabelecimento é desempenhada na sua totalidade por **docentes profissionalizados**, o que pode garantir determinada estabilidade no funcionamento das respectivas estruturas de orientação educativa.

Caracterização do pessoal não docente

Pessoal não docente e categoria profissional

Existem **48** funcionários, conforme a distribuição verificada no gráfico 11:

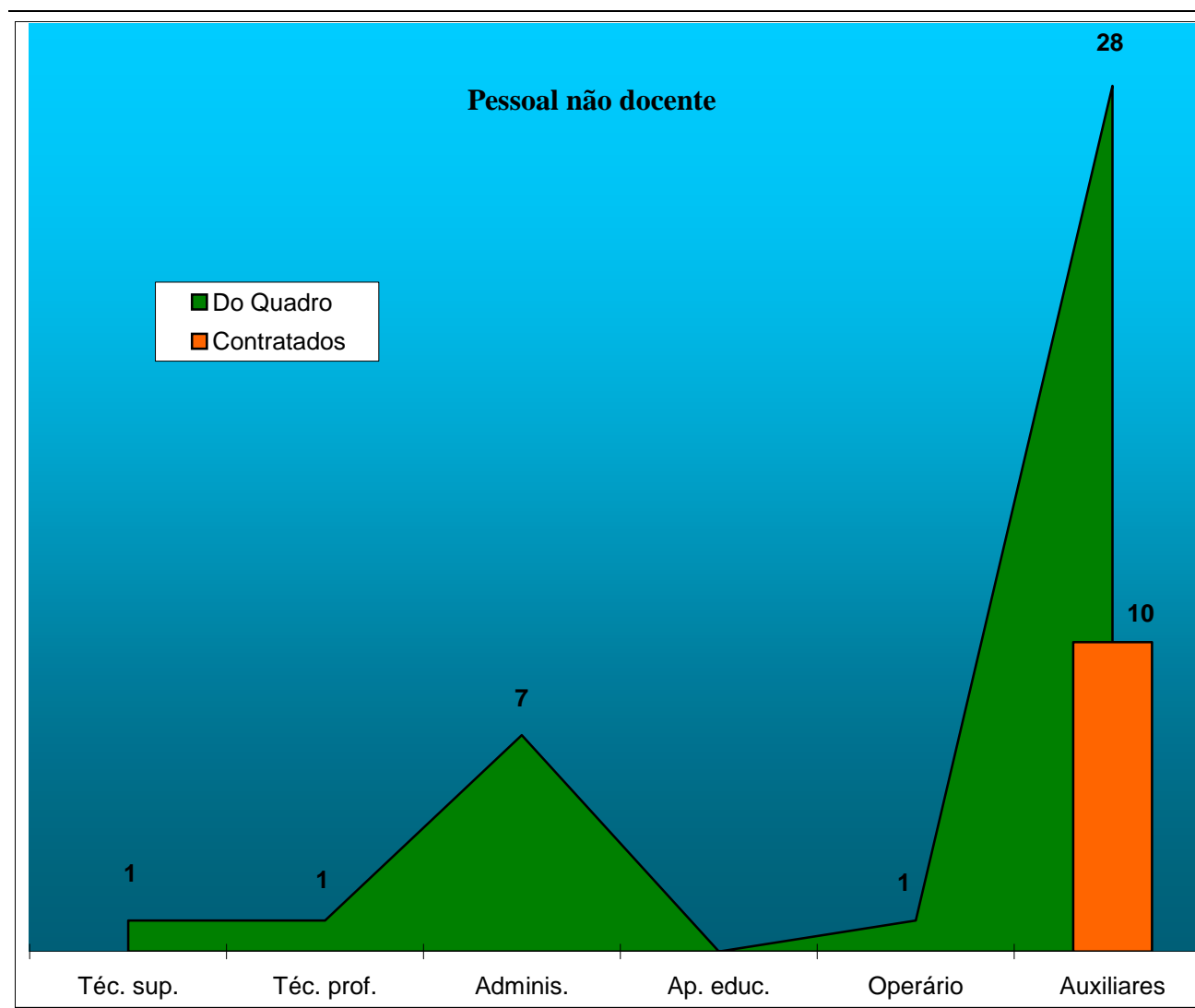


Gráfico 11 – (cfr. legenda nos anexos)

A apreciação do gráfico 11 permite verificar que o pessoal auxiliar (38) existe em maioria significativa, quando comparado com os restantes funcionários da escola (10).

Registamos ainda o número de auxiliares contratados (10).

Apesar disto, o pessoal não docente é considerado insuficiente para as exigências da escola, verificando-se um **rácio** funcionário/aluno de **0,037**.

Satisfação do pessoal docente, discente, não docente e encarregados de educação

Como complemento da informação relativa aos dados quantitativos dos recursos humanos da escola, interessou também analisar dados de carácter qualitativo, um dos quais se prende com o **grau de satisfação/insatisfação** sentida pelas pessoas que trabalham na escola.

Entende-se este dado como essencial não só porque é condição indispensável para a realização de um trabalho de qualidade, mas também porque afecta o trabalho individual, para além de ser o resultado de um conjunto de circunstâncias que directa ou indirectamente vai afectar o clima da própria escola.

Neste sentido, relativamente ao **nível de satisfação dos docentes** verifica-se que os **108** inquiridos, o que corresponde a **89,25%** do corpo docente, atribuíram, de um modo geral, o nível mais alto de classificação dos indicadores que lhes foram apresentados (3), conforme se pode observar no gráfico 12:

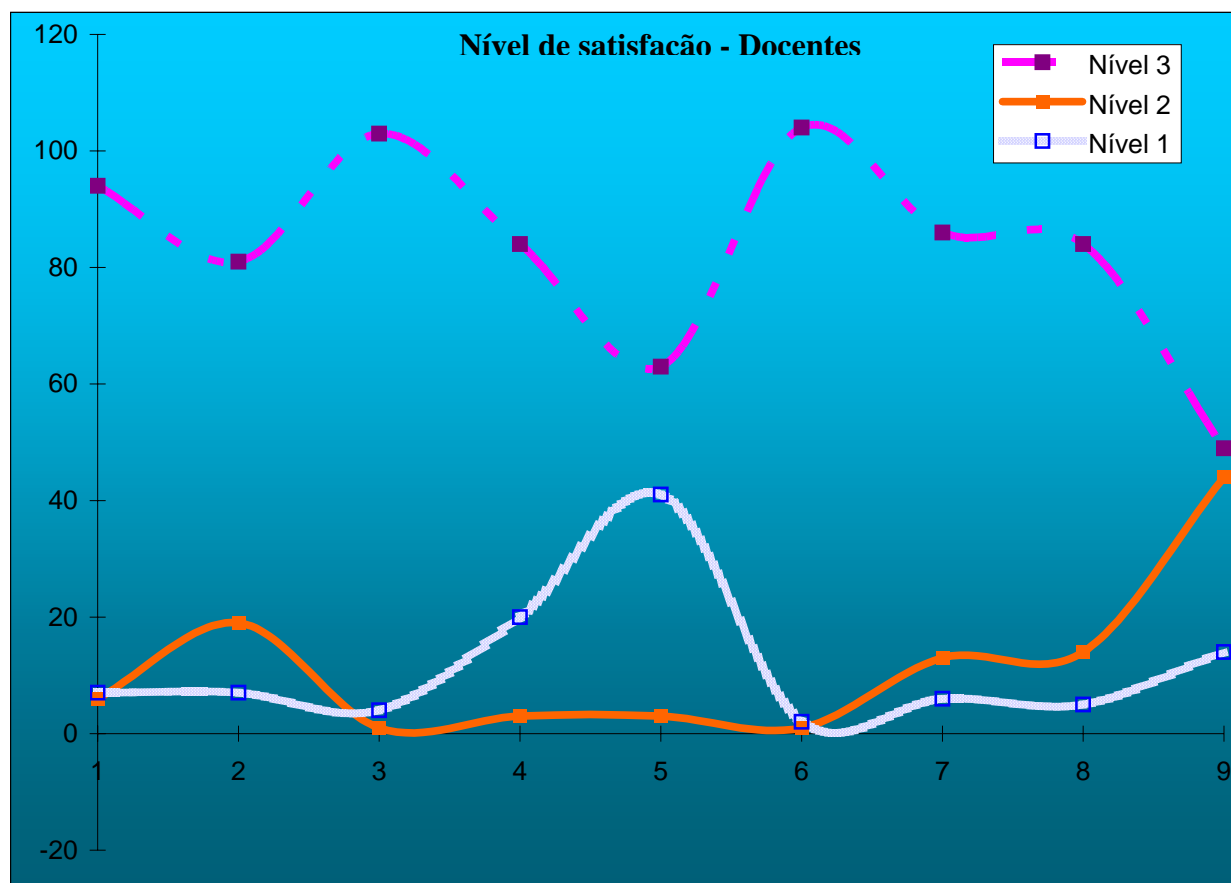


Gráfico 12 – (cfr. legenda nos anexos)

Não podemos deixar, no entanto, de referir a valoração que os docentes atribuíram à *importância da Direcção, à relação com os serviços de Administração Escolar e à integração numa equipa*, o que na realidade se sentiu aquando do trabalho na Escola.

Para saber do **nível de satisfação dos alunos** foram inquiridos **479 da EB 2,3 da Maia**, o que corresponde a **83,30%** do total da população escolar.

Verificou-se que a maioria dos respondentes tem uma visão positiva da escola, sendo os indicadores que se prendem com *a exposição da matéria com clareza e o tirar dúvidas pelos professores, a informação com antecedência sobre tudo o que lhes interessa e diz respeito à vida da escola, a exigência da escola, entre outros*, os que obtiveram o maior número de nível 3, conforme se pode verificar no gráfico 13:

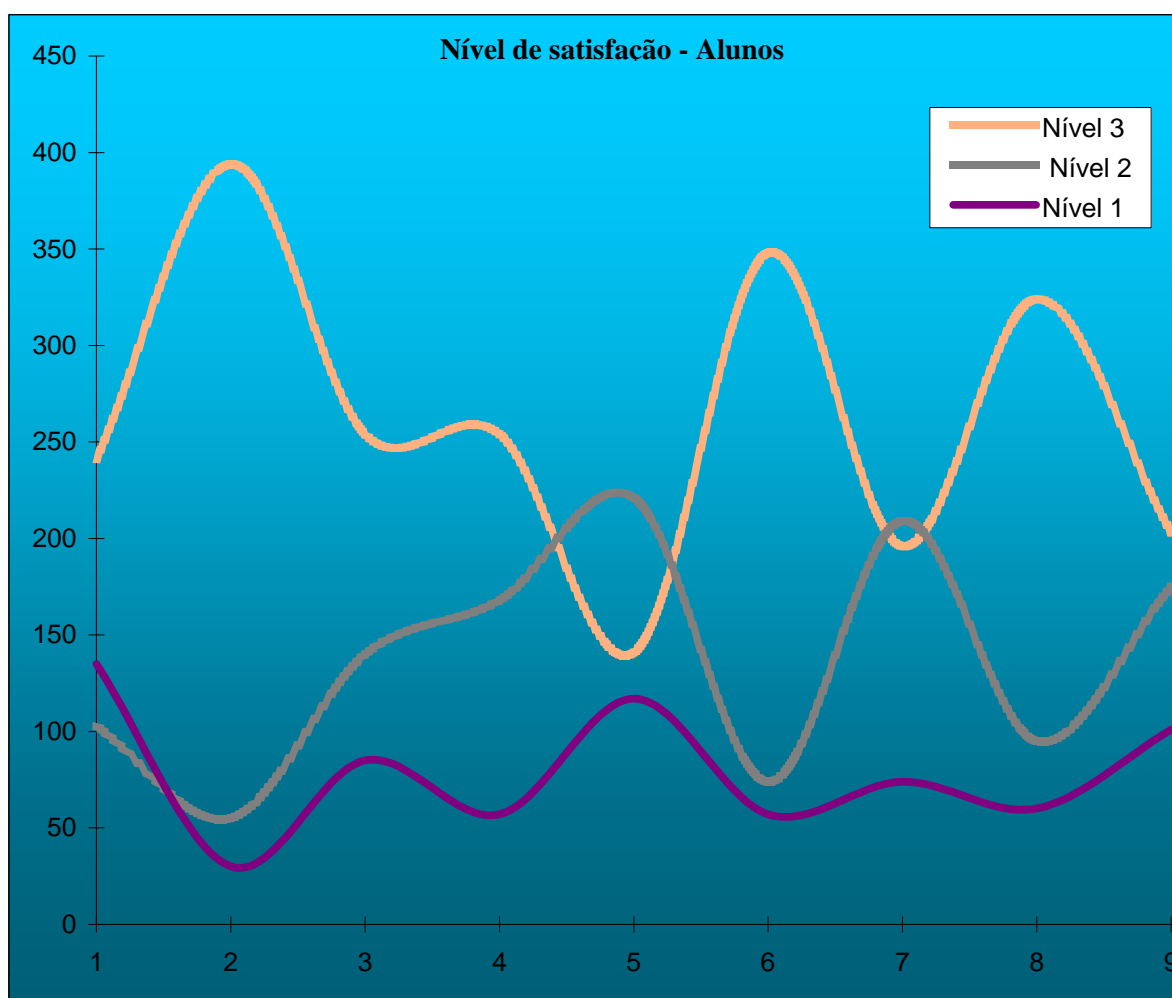


Gráfico 13 – (cfr. legenda nos anexos)

Não deixa de suscitar alguma apreensão o facto de haver alguns alunos que não têm opinião, apesar de haver um número significativo de respondentes (alunos) que reconhecem não *colaborar para melhorar o tempo passado na escola*.

No âmbito das restantes questões, verifica-se uma dispersão por dois níveis (2 e 1), o que não permite afirmar com convicção que a população da amostra apresenta um nível de satisfação geral na escola.

Relativamente ao **peçoal não docente** responderam ao questionário **46**, o que representa **95,83%** da totalidade daquela população.

Podemos dizer que as respostas apontam, de um modo geral, no sentido da população inquirida se sentir satisfeita.

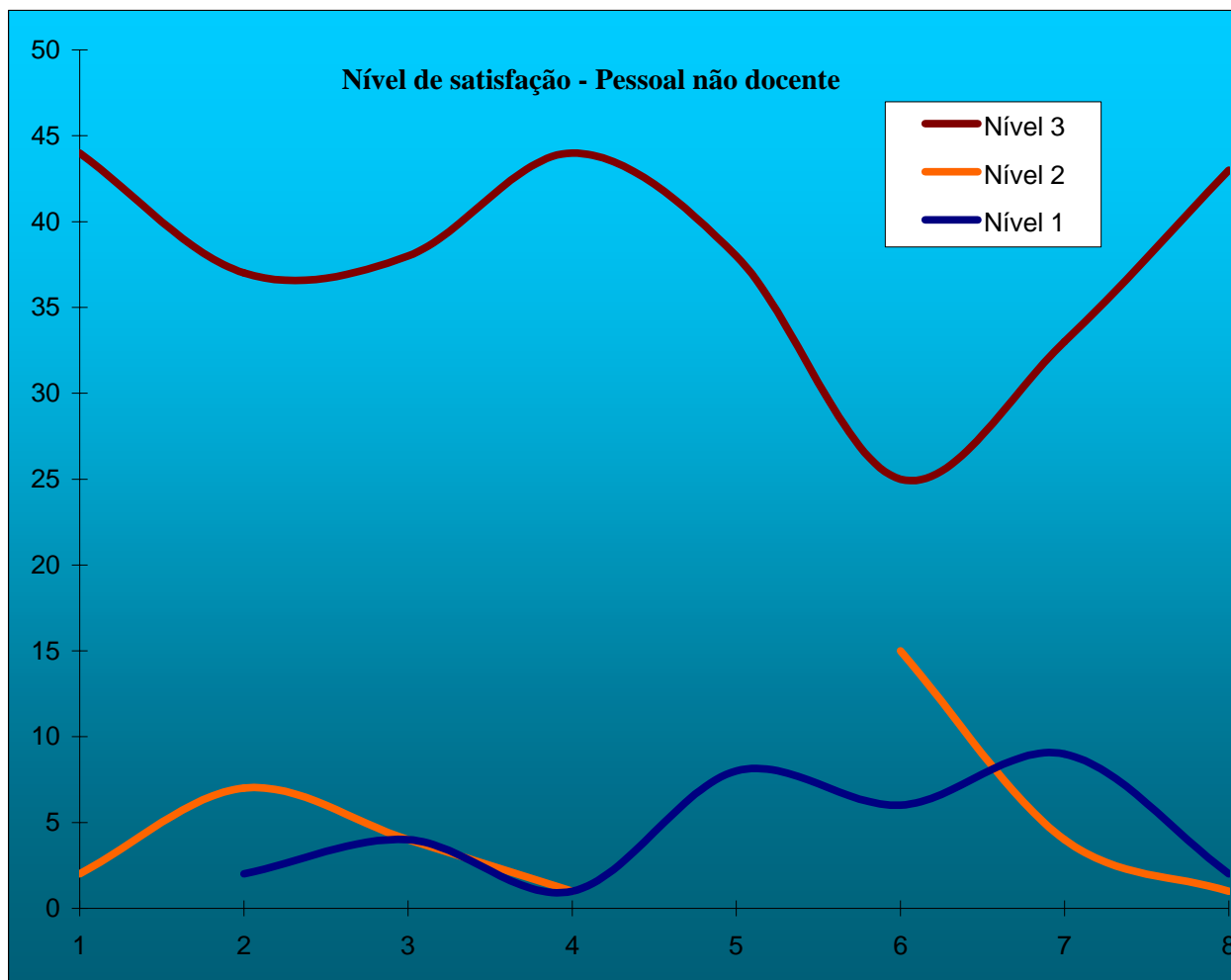


Gráfico 14 – (cfr. legenda nos anexos)

Verifica-se que o **peçoal não docente**, de forma significativa, diz *que há ajuda mútua entre eles, que os docentes respeitam o seu trabalho, que trabalham no lugar certo, que são protegidos pelo superior hierárquico e que são ouvidos para sugerirem ou mostrarem a sua concordância ou não*. Também não deixa de ter algum significado o facto de um grupo de respondentes ter referido *que gostava de fazer outras coisas na escola*.

Por outro lado, o gráfico 14 permite ver ainda que existe um grupo de inquiridos que considera que *o seu trabalho não é respeitado pelos alunos*.

Para saber do **nível de satisfação dos pais/encarregados de educação**, foram inquiridos **845**, o que corresponde a **78,16%** do total desta população.

O gráfico 15 mostra-nos de forma mais detalhada o nível de satisfação da amostra da população em referência:

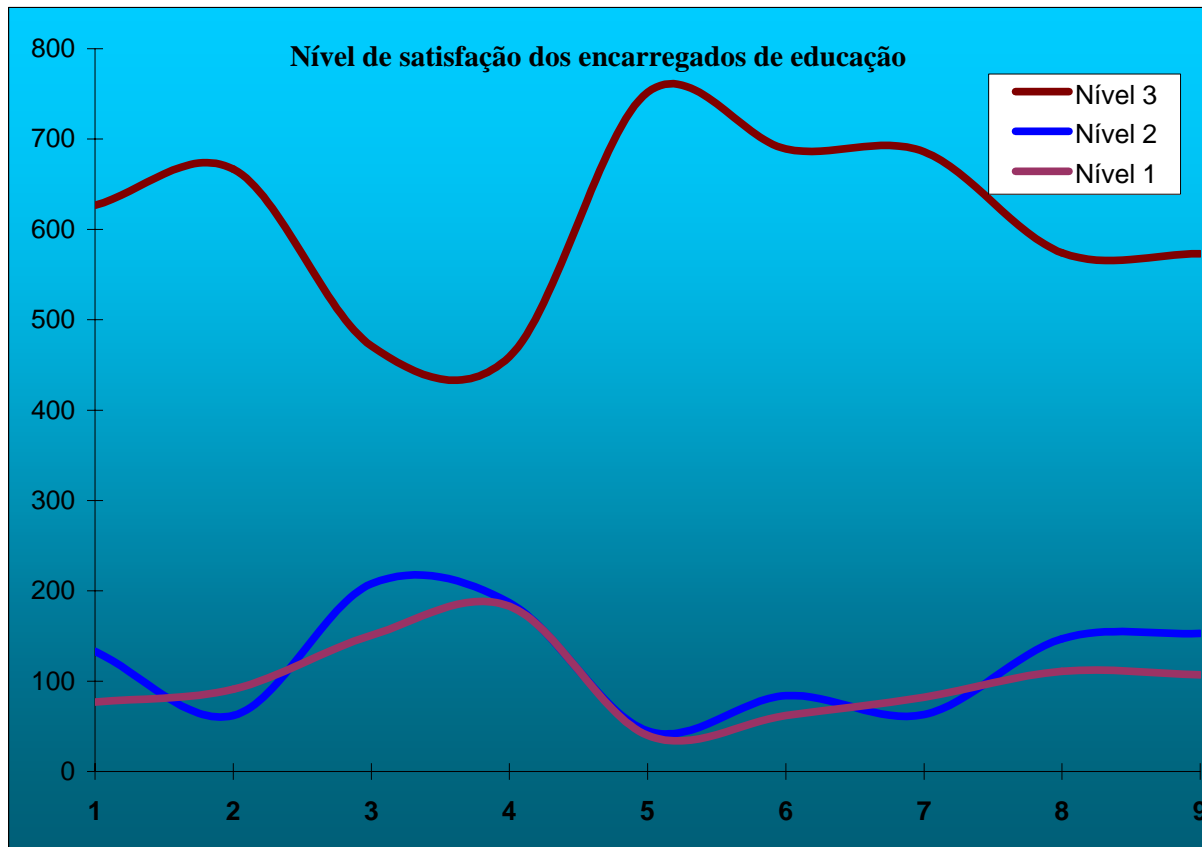


Gráfico 15 – (cfr. legenda nos anexos)

Verificamos que o grau de satisfação dos pais para com a escola se situa significativamente no nível mais elevado (3), o que permite dizer que, de acordo com a amostra recolhida, os pais, de uma forma geral, estão satisfeitos com a escola dos filhos.

Sobressai de forma positiva o facto dos pais considerarem que os seus filhos *aprendem na escola, que as reuniões da escola são úteis, que são devidamente informados e que é fácil contactar com o Director de Turma ou com o Conselho Executivo.*

4 - RECURSOS FÍSICOS

Espaços

A escola ocupa **16** edifícios (blocos, pavilhões e edifícios do 1.º ciclo). Possui **44** salas de aula para alunos do 1.º ciclo e **39** para alunos do 2.º e 3.º ciclos, das quais **13** são específicas, destinadas a laboratórios, salas de ET e EVT, entre outras.

Todas as salas encontram-se em bom estado de conservação, estando razoavelmente adequadas e apetrechadas.

A escola dispõe ainda de Biblioteca/Centro de recursos, ginnodesportivo, balneários, pátios de recreio, bufete, cantina, papelaria, reprografia, sala de professores, sala de alunos, gabinete de Psicologia e Orientação, sala do pessoal não docente e sala de D.T./atendimento aos encarregados de educação.

As instalações, de um modo geral, encontram-se em bom ou, em algumas situações, razoável estado de conservação e têm um grau de utilização adequado. Cabe aqui referir a qualidade das instalações da EB,2,3.

Foi considerado razoável o apetrechamento e a respectiva adequação, a nível dos outros espaços referentes ao 1.º ciclo, não se verificando o mesmo na EB 2,3.

A Biblioteca/Centro de recursos possui **6600** títulos, sendo **1466** adquiridos nos últimos dois anos. Tem uma taxa de funcionamento de **90%**.

Equipamentos

A escola dispõe de equipamento tecnológico considerado satisfatório, visível de forma mais objectiva no gráfico 16:

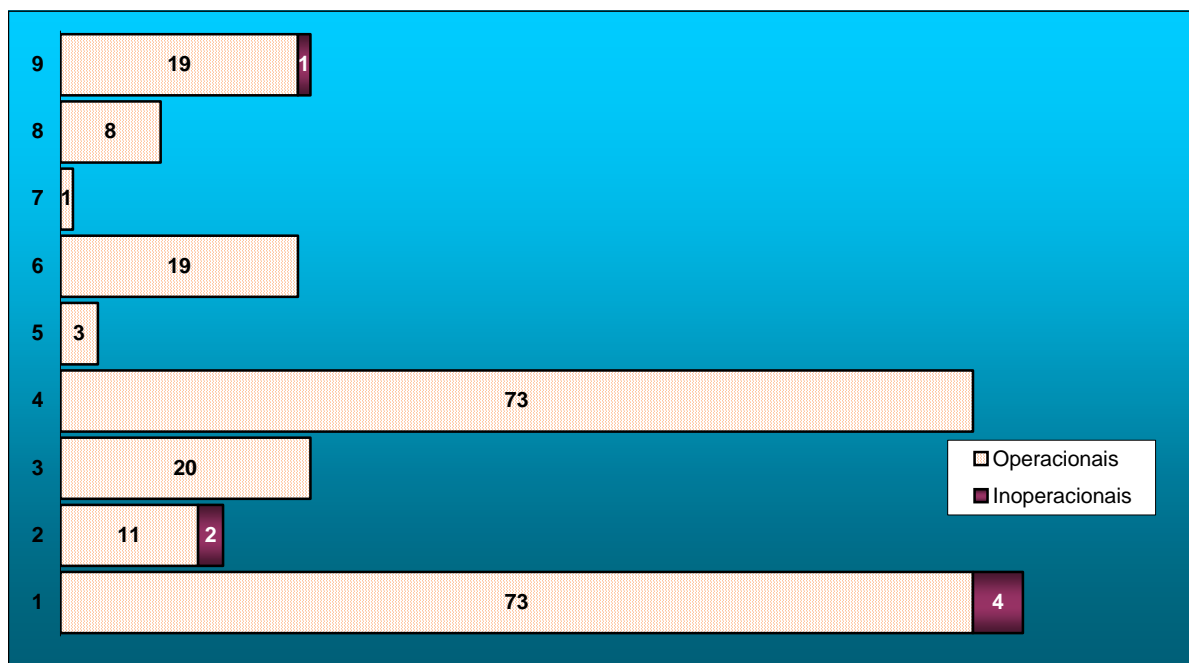


Gráfico 16 – (cfr. legenda nos anexos)

Verifica-se que todo o equipamento, de um modo geral, se encontra operacional.

Regista-se ainda a existência de material tecnológico moderno e adequado às exigências que o ensino actual impõe.

Qualidade e bem-estar das instalações

Foi também importante saber até que ponto alunos, professores e pessoal não docente se sentem bem no espaço escolar.

Para o efeito foram distribuídos questionários que permitiram avaliar o nível da qualidade e de bem-estar das instalações.

Os **alunos** inquiridos foram **475**, correspondendo a **82,60%** do total da população escolar da EB 2,3 da Maia.

Os gráficos mostram a distribuição das posições dos respondentes.

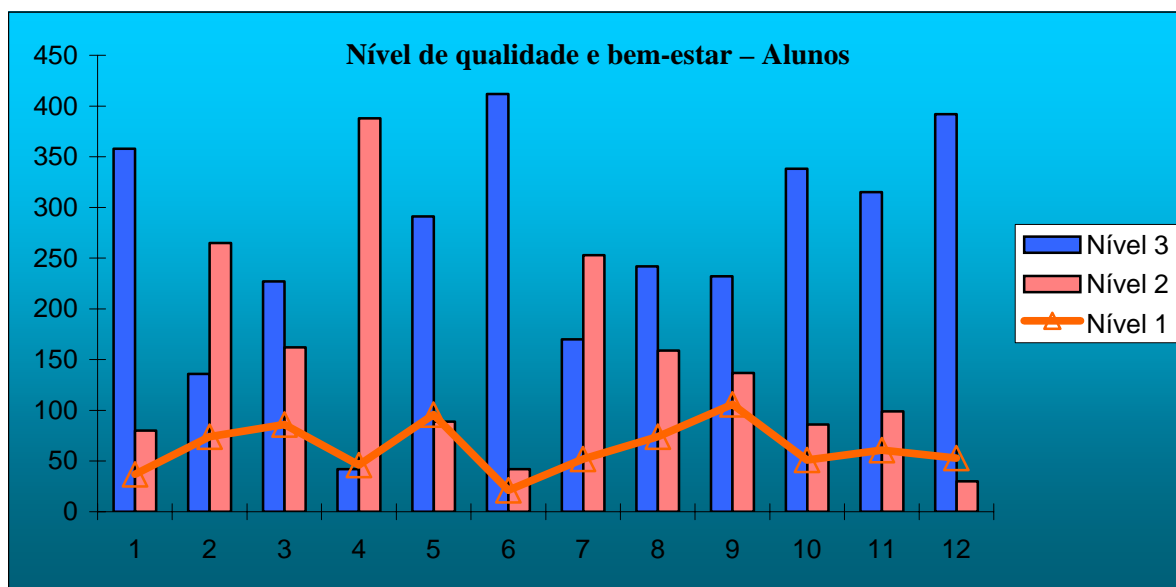


Gráfico 17 – (cfr. legenda nos anexos)

Verifica-se no gráfico 17 uma dispersão pelos três níveis, apesar das respostas se situarem com alguma relevância no nível 3.

Assim sendo, cerca de metade da população da amostra dos alunos sente-se bem nas instalações escolares e reconhece existir alguma qualidade nas mesmas, o mesmo não se podendo afirmar para os restantes elementos inquiridos.

Salienta-se o facto de uma faixa de alunos reconhecer que: *as salas são claras e bem iluminadas; a escola vista de fora tem um aspecto cuidado; os recreios são amplos e agradáveis; e que a sala de convívio é um lugar confortável*, apesar de existir também um número com alguma significância (mais da metade dos respondentes) que reconhece que *a escola tem muitos alunos e não é sossegada; que os espaços em volta do edifício não são bonitos nem bem tratados e as mesas e as cadeiras não são confortáveis*.

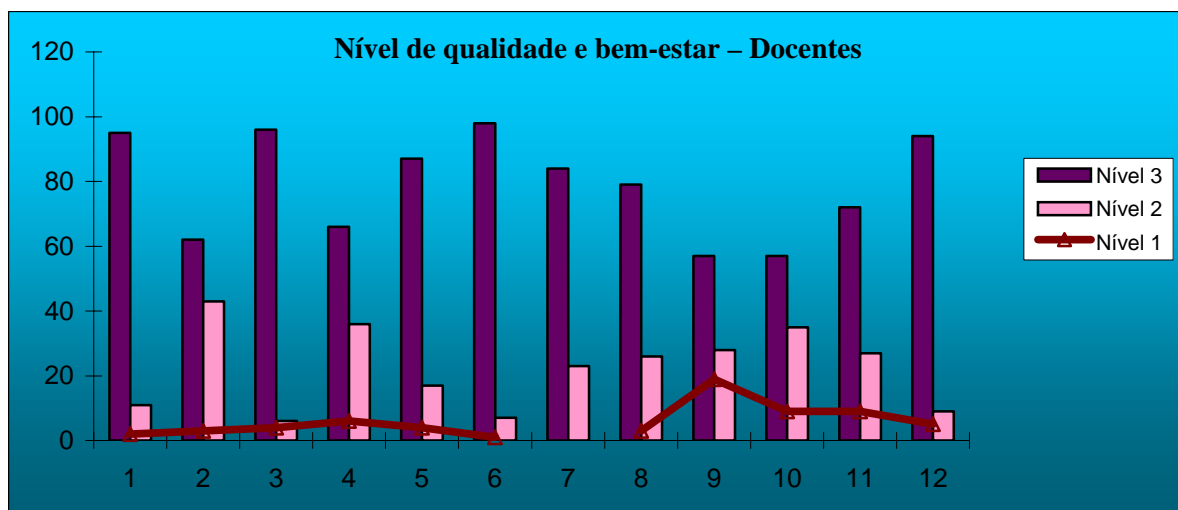


Gráfico 18 – (cfr. legenda nos anexos)

Os dados expressos no gráfico 18 mostram que os **108** respondentes, de um total de 121 docentes, nos indicadores que lhes foram colocados, na sua maioria, situaram as suas respostas nos níveis 3 e 2, com predominância do nível 3. Permitem deste modo afirmar que há um sentimento relativo de bem-estar na escola, o que pressupõe um nível satisfatório de qualidade.

No que se refere ao **Pessoal não docente**, foram **46** os respondentes, o que representa **95,83%** da população em referência.

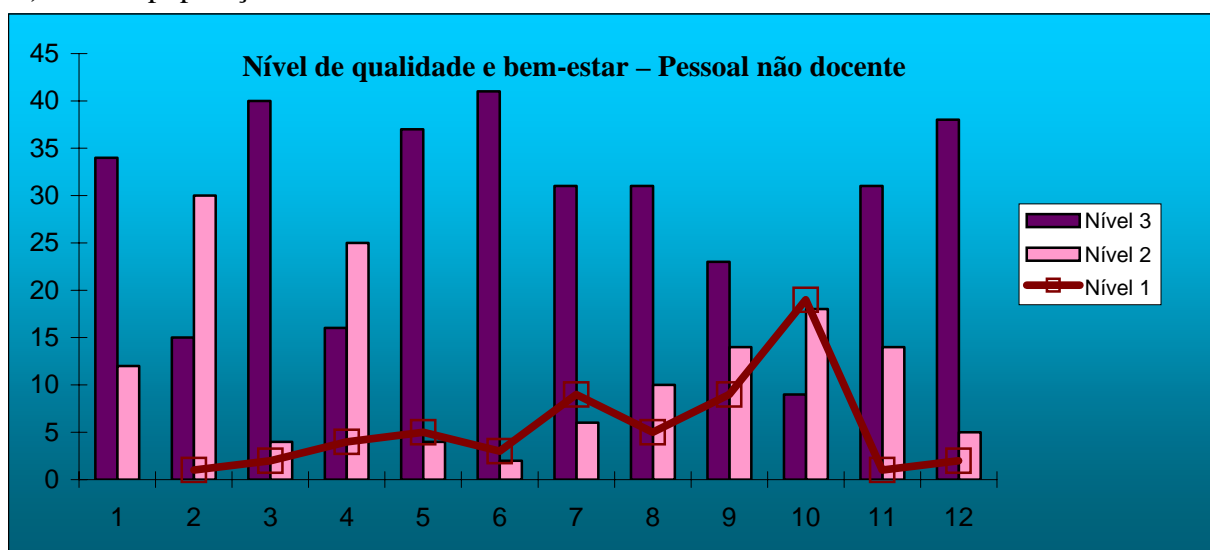


Gráfico 19 – (cfr. legenda nos anexos)

De um modo geral, a apreciação do gráfico 10 permite constatar que as respostas referentes à amostra da população não docente, embora dispersas pelos vários níveis, situaram-se, na sua maioria, entre os níveis 3 e 2, com tendência para o 3 em quase todas as questões.

Aquela população diz que *a escola tem salas claras e bem iluminadas; cheira a limpeza; serve os outros; vista de fora tem um aspecto cuidado.*

Regista-se um grupo de respondentes, com alguma significância, que diz não concordar que *os espaços em volta do edifício são bonitos e bem tratados e que a escola não é sossegada.*

5 - RECURSOS FINANCEIROS

Distribuição dos recursos financeiros da escola

Recursos financeiros (em €):

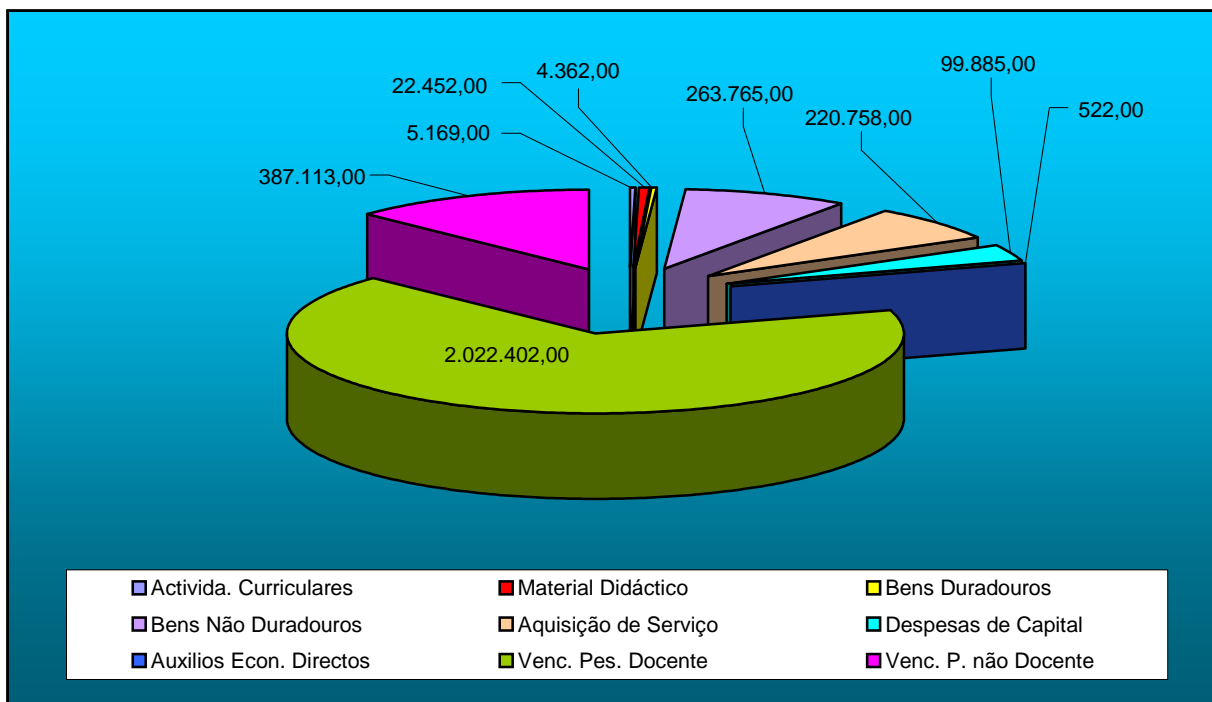


Gráfico 20 – (cfr. legenda nos anexos)

Foram considerados no gráfico os valores correspondentes à coluna total, com excepção das actividades extracurriculares e equipamentos educativos.

Assim, e de acordo com os valores fornecidos pela escola, é visível no gráfico 20 que a despesa maior é feita com o pessoal docente, seguindo-se as despesas com o pessoal não docente.

Verifica-se ainda que a escola gera algumas receitas recebendo outras que entram na rubrica das receitas próprias, a fim de fazer face a despesas de funcionamento sobretudo de ordem estrutural.

6 - PROJECTO CURRICULAR

Ofertas curriculares

No âmbito das ofertas curriculares a escola oferece ao 7.º ano **Educação Musical**. Ao 8.º e 9.º anos, **Educação Tecnológica** e **Inglês/Francês**.

Cumprimento de programas

Relativamente ao cumprimento do programa de **Língua Portuguesa**, o gráfico 21 permite uma leitura com algum pormenor, considerando os dados cedidos pela escola.

Cumprimento do programa de Língua Portuguesa

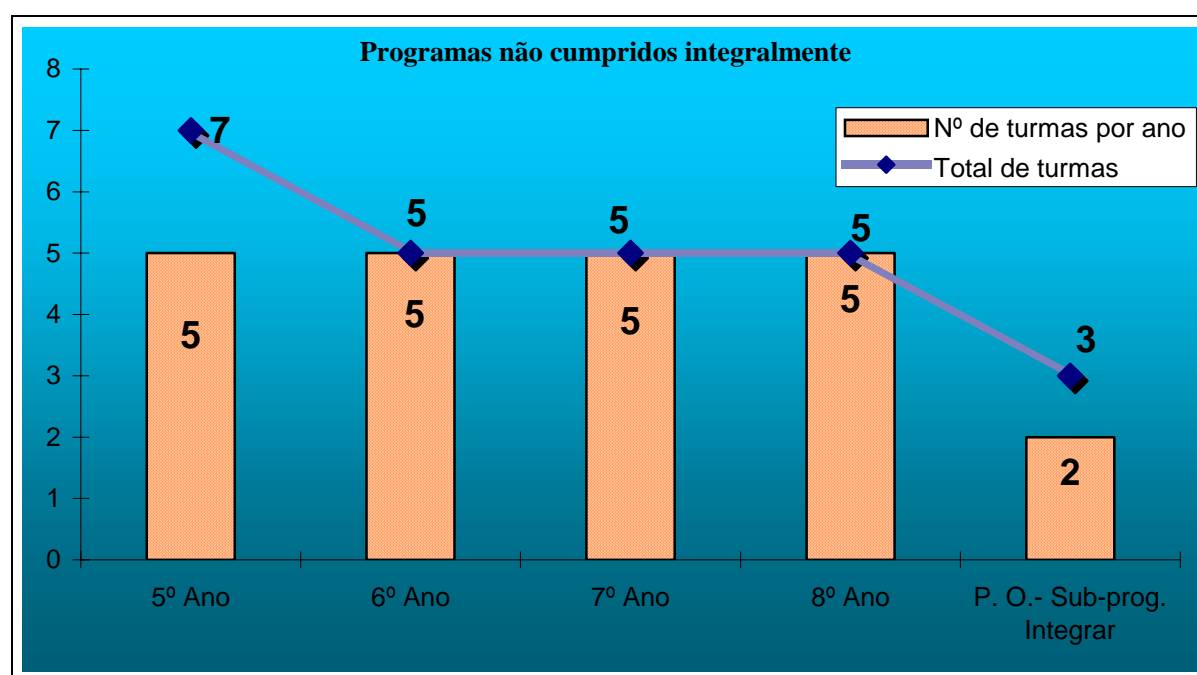


Gráfico 21 – (cfr. legenda nos anexos)

Verifica-se assim que das 7 turmas do 5.º ano, em 5 delas o programa de Língua Portuguesa não foi cumprido. Por outro lado, das cinco turmas existentes nos 6.º, 7.º e 8.º anos, o programa da mesma disciplina não foi cumprido em qualquer das turmas.

Tempo dedicado às aprendizagens

No que se refere ao número de aulas previstas e dadas por ano de escolaridade na disciplina de Língua Portuguesa, foram contabilizadas aulas previstas nos dias de greve e de actividades não lectivas, não sendo as mesmas contabilizadas como dadas. Assim o gráfico 22 mostra a distribuição das aulas previstas e das aulas dadas, nos anos e programas existentes na escola.

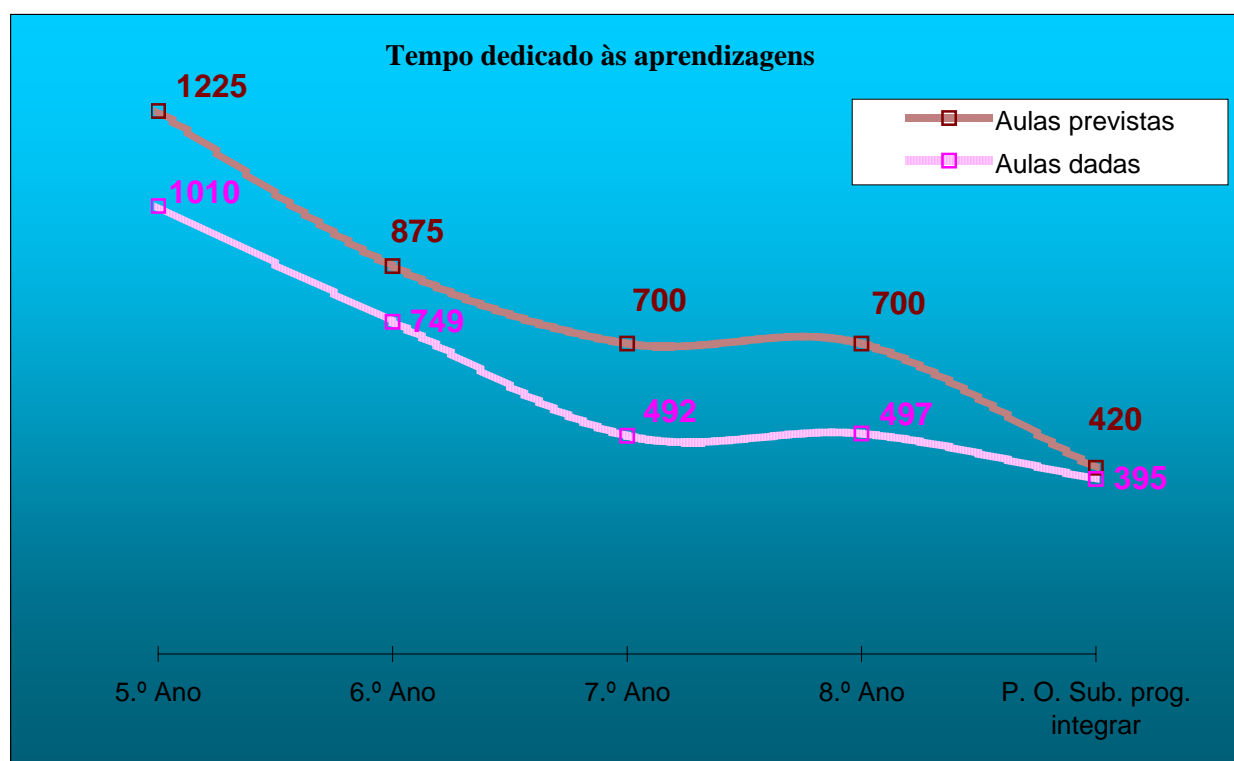


Gráfico 22 – (cfr. legenda nos anexos)

Assim, quando confrontadas as aulas previstas (1225) com as dadas (1010) no **5.º ano**, verifica-se que existe uma diferença de **215** aulas não dadas; a nível do **6.º ano** não foram dadas **126** aulas; nos **7.º e 8.º anos** não foram dadas **208** e **203** aulas, respectivamente. No Sub-Programa Integrar a diferença foi apenas de **25** aulas não dadas.

O volume de aulas não dadas suscita alguma preocupação, considerando o incumprimento do programa e a relevância da disciplina em questão, pelo seu carácter transversal, apesar da percentagem de aulas dadas oscilar no 2.º ciclo entre os **82,44%** e os **85,6%** e, no 3.º ciclo (7.º e 8.º anos), perante o mesmo número de aulas previstas (700), existir apenas uma percentagem de **70,28** e **71** para o 7.º e 8.º. Anos, respectivamente .

A percentagem maior de aulas dadas verificou-se no Sub-Programa Integrar.

Apoio educativo

O apoio educativo, no que respeita à disciplina de Língua Portuguesa, verificou-se apenas no 1.º ciclo e teve a seguinte distribuição:

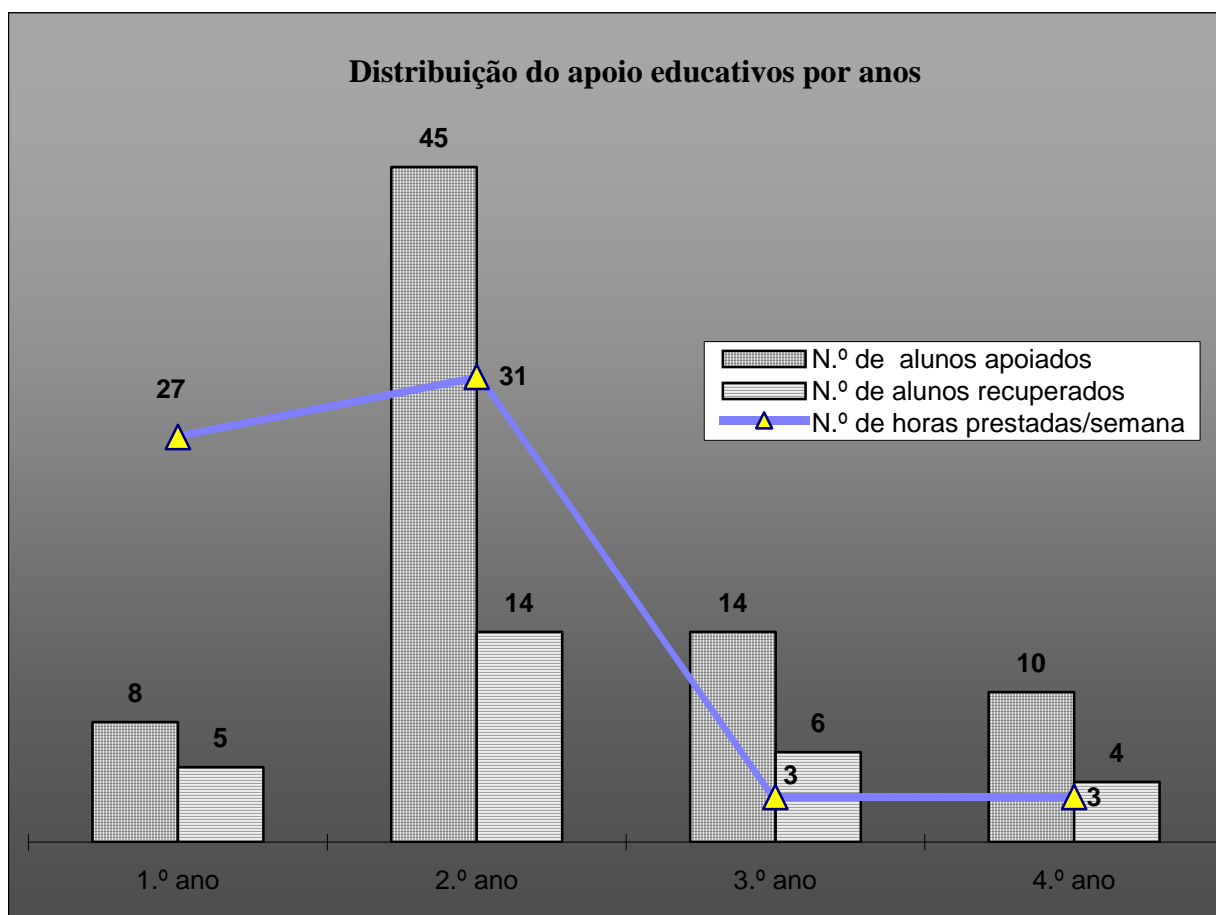


Gráfico 23 – (cfr. legenda nos anexos)

O gráfico 23 evidencia o número de alunos apoiados nos vários anos de escolaridade, do 1.º ciclo, verificando-se que os alunos que mais apoio tiveram foram os que frequentaram o 2.º ano, o que se compreende se considerarmos que não existem retenções no 1.º ano de escolaridade. Assim, para muitos alunos, face às dificuldades que vão revelando, só no 2.º ano é que estas começam formalmente a serem resolvidas.

Importa chamar a atenção para o sucesso do apoio que é relativamente **fraco** em todos os anos, mas especialmente a nível do 2.º ano, tendo em conta o número de alunos apoiados.

A situação do apoio educativo deverá ser uma questão a analisar pelos órgãos competentes, no sentido de serem encontradas formas de apoio diversificadas e atempadas que conduzam a uma recuperação efectiva da dificuldade revelada, recorrendo-se para o efeito a estratégias e metodologias, as mais individualizadas possíveis.

Formação de professores

A formação dos docentes e não docentes também constituiu preocupação da escola, tendo sido realizadas algumas acções de formação, gerais e específicas.

Deste modo foram realizadas acções para todos os docentes da EBI sobre temas abrangentes como *Projecto Educativo/Projecto Curricular de Escola/Projecto Curricular de Turma; A Relação Escola/Pais ou Enc. de Educação; Curso Básico de Protecção Civil e Primeiros Socorros;*

Os docentes do 2.º e 3.º ciclos tiveram acesso a acções com temas mais específicos, tais como: *Educação Afectivo-Sexual: o Projecto da EB 2,3; A Adolescência - Problemas e Respostas*, tal como os da educação pré-escolar e do 1.º ciclo, com um tema também específico: *A Educação e Expressão Físico-Motora.*

Os auxiliares de acção educativa frequentaram a acção: *Ser assistente/ Auxiliar de Acção Educativa - um desafio?!*

Tais acções contaram com **469** participações, havendo elementos que participaram pelo menos em 5 acções.

Não se verificou a participação de todos os docentes da EBI da Maia, uma vez que alguns frequentaram as Jornadas Pedagógicas e outras acções promovidas pelo Centro de Formação da Associação de Escolas.

7 - CONTEXTOS EDUCATIVOS

Participação da comunidade na vida da escola

Participação dos alunos em actividades opcionais

No ano lectivo em questão, **89 alunos** do 1.º ciclo participaram em **actividades opcionais**, nomeadamente na iniciação do Inglês.

Participação em actividades do PAA

A envolvimento nas actividades do PAA foi circunscrita à comemoração de dias especiais, efemérides, temas específicos dos vários departamentos e grupos, entre outros.

Participaram pais/encarregados de educação, docentes e pessoal não docente, para além dos alunos. Muito embora a participação fosse significativa, a mesma não foi contabilizada de forma precisa.

Incidentes críticos

Registaram-se alguns incidentes críticos não muito significativos. Houve **4 roubos e agressões** a alunos, **28 agressões verbais** a adultos, **24 actos de vandalismo**. Foram registadas **48 participações disciplinares**, que originaram **15 Conselhos Disciplinares** com **63 sanções** aplicadas. Apenas registaram-se **2 actos de violência praticados de fora para dentro da escola**.

Participação da comunidade educativa nas decisões

O processo de decisão é um processo que se reveste de determinada complexidade enquanto acto de gestão compreendendo três fases: a **apresentação de propostas**, a **discussão que lhe decorre** e, por fim, a **decisão** propriamente dita.

Por considerarmos que a **decisão** envolve um nível de participação diferente dos vários intervenientes como produto de opiniões, análises, reflexões, reformulações, debates entre outras, optamos por, no âmbito da participação na tomada de decisão, analisar a fase do processo decisório, nomeadamente **a decisão**.

Assim, foram inquiridos docentes, alunos, pessoal não docente e pais.

Os gráficos seguintes proporcionam-nos uma visão da forma como os inquiridos distribuíram as suas respostas.

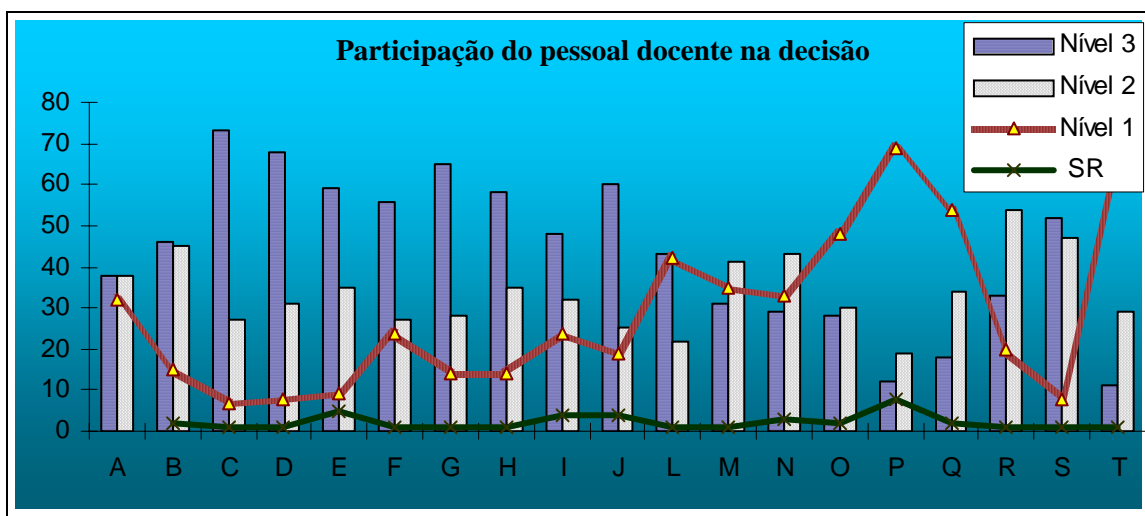


Gráfico 24 – (cfr. legenda nos anexos)

Muito embora o gráfico 24 nos mostre alguma dispersão dos respondentes (108, 89,25% do total dos docentes) por todos os níveis, verificamos que os níveis mais valorizados por aquela amostra de população se situam entre o 3 e o 2, com predominância do 3, o que nos leva a concluir, com alguma segurança, que os docentes, de um modo geral, participam na decisão.

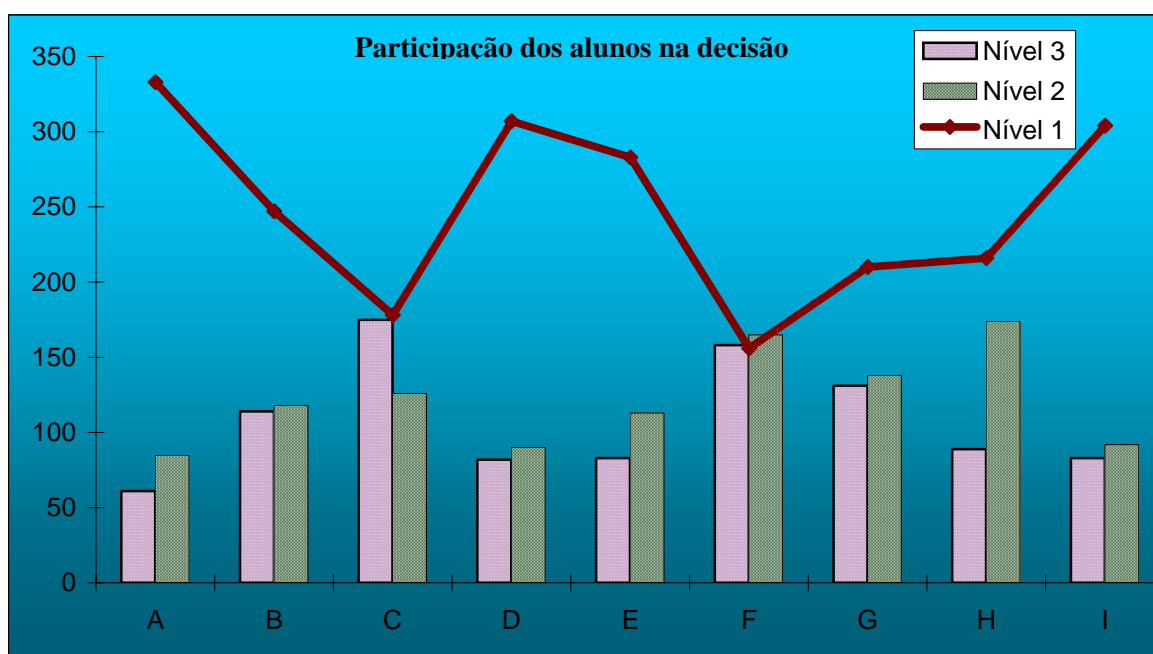


Gráfico 25 – (cfr. legenda nos anexos)

Da análise do gráfico 25 verificamos que os 479 respondentes (83,30% do total dos alunos da EB 2,3 da Maia) dispersaram-se pelos vários níveis, com uma predominância significativa dos níveis 1 e 2, levando-nos a concluir que esta população não é chamada a participar nos processos com vista às tomadas de decisão ou, se o é, fá-lo de forma muito reduzida.

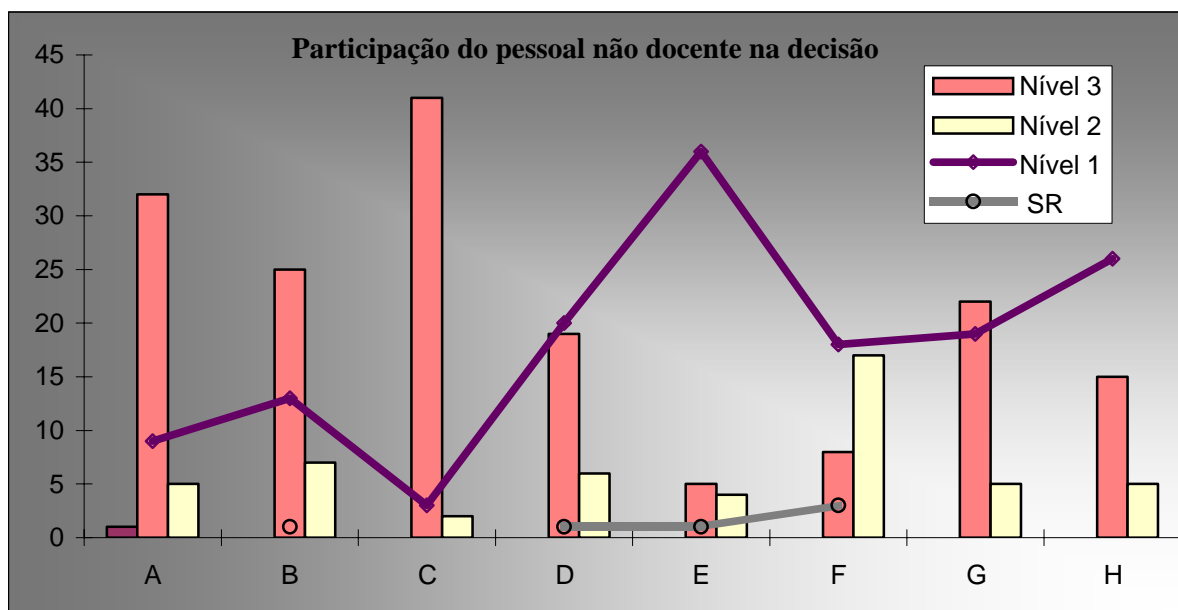


Gráfico 26 – (cfr. legenda nos anexos)

Da leitura do gráfico 26 sobressai uma dispersão extremada de respostas, sendo os níveis mais valorizados pelos respondentes o 3 (sempre) e o 1 (nunca), o que nos permite dizer com alguma convicção que os respondentes não participam nas decisões ou, se o fazem, fazem-no de uma forma muito reduzida.

Importa salientar que a inquirição cobriu **95,83%** do total desta população.

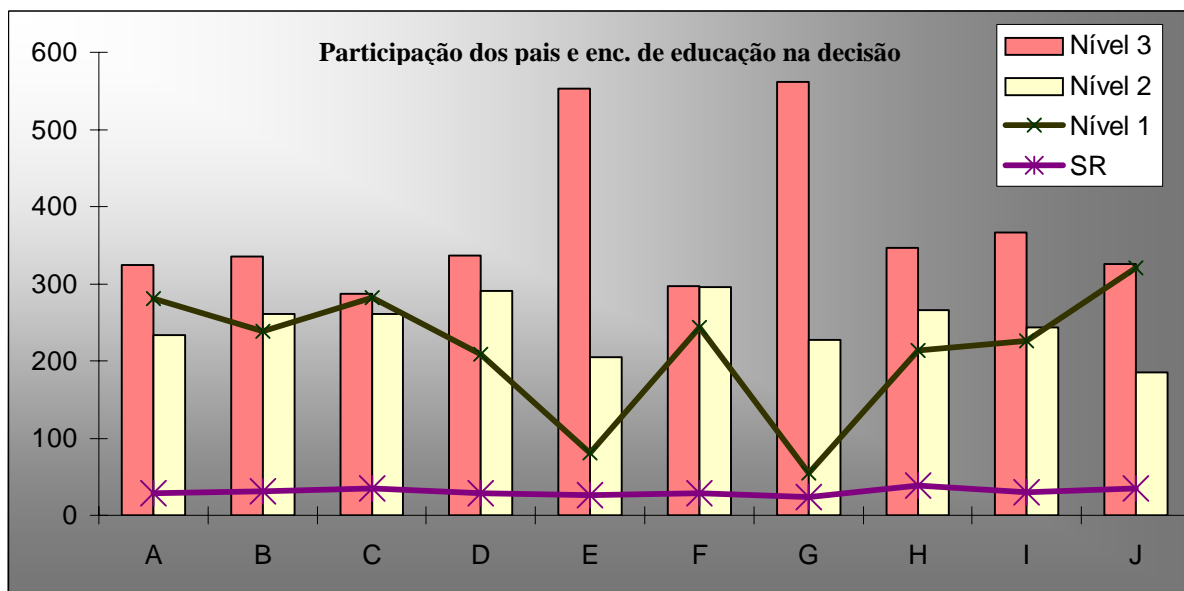


Gráfico 27 – (cfr. legenda nos anexos)

O gráfico 27 permite ver a posição dos pais e encarregados de educação face aos indicadores que lhes foram colocados no âmbito da respectiva participação nas decisões. Embora dispersando-se por todos os níveis, situaram-se, de forma evidente, entre os níveis 3 e 2, com tendência para o 3, o que permite dizer que são chamados a participarem nas decisões.

É relevante ainda, no contexto dos respondentes (**866**), o número daqueles que nunca participam, situando as suas respostas no nível 1 (que foram em média 215).

Trabalho cooperativo entre professores

A cooperação entre docentes foi analisada considerando duas dimensões subjacentes ao questionário que foi tornado presente a uma amostra de **108** docentes, o que corresponde a de **89,25 %** do total daquela população.

Assim, foram seleccionados os indicadores que se consideraram revestidos de carácter pedagógico, ou seja, os relacionados com a prática lectiva relativamente aos de carácter mais geral, melhor dizendo, associados a aspectos da carreira docente/profissional.

No gráfico 28, apresentamos a cooperação entre os professores nos aspectos considerados como mais “gerais”.

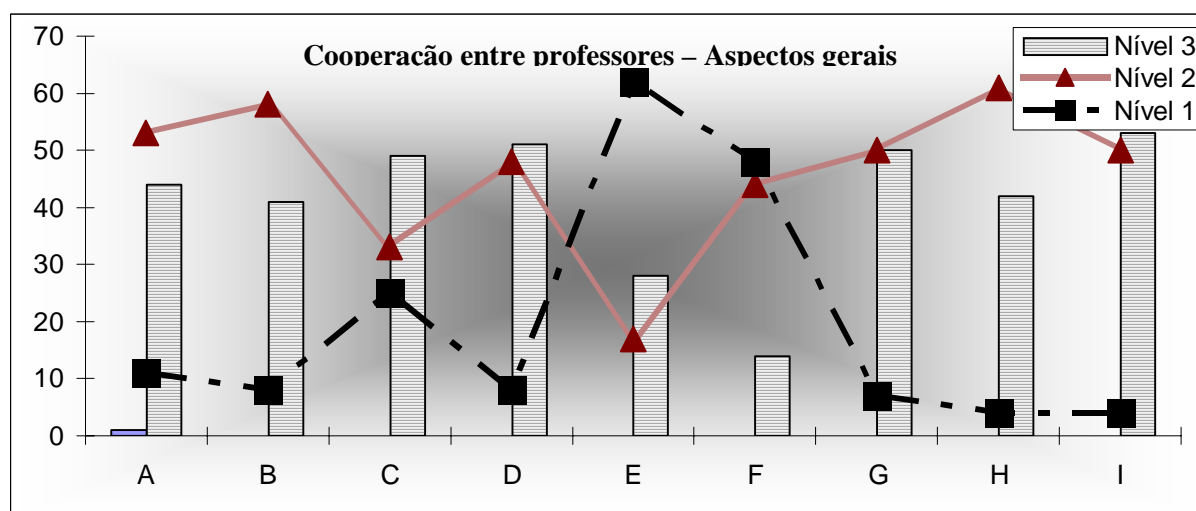


Gráfico 28 – (cfr. legenda nos anexos)

Através do gráfico 28, relativamente à cooperação entre os docentes, nos aspectos gerais relacionados com o desempenho da profissão, damos conta da existência de alguma dispersão das respostas pelos vários níveis com tendência para os níveis 2 e 3.

Assim sendo, verifica-se existir cooperação entre os docentes embora a nível da *preparação de reuniões com entidades exteriores à escola e da colaboração com professores de outros ciclos de ensino*, a cooperação não aconteça com frequência.

A cooperação aparece mais valorizada *na organização de projectos e iniciativas, actividades culturais, na análise dos aspectos positivos e menos positivos do funcionamento da escola e no apoio a colegas menos experientes*.

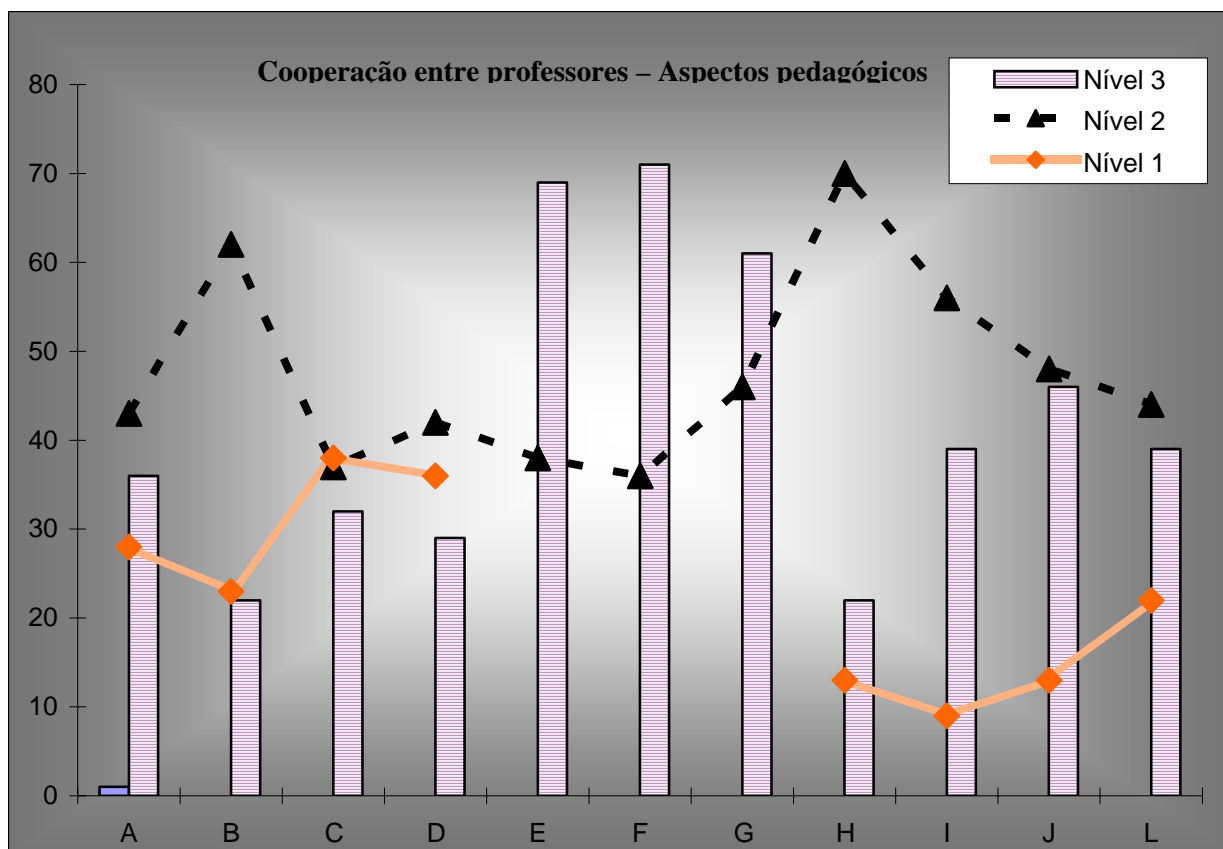


Gráfico 29 – (cfr. legenda nos anexos)

Da leitura deste gráfico verifica-se uma dispersão das respostas pelos três níveis apresentados, com tendência para o nível 2.

Assim, verifica-se que a cooperação entre docentes é mais significativa no que concerne à *discussão de estratégias a adoptar com alunos problemáticos; discussão de questões disciplinares e de comportamentos dos alunos; aproveitamento dos alunos; e definição de objectivos pedagógicos para a turma.*

Planificação, preparação de aulas sobre novas matérias, elaboração de fichas de avaliação, organização de apoios educativos, construção de materiais de ensino e a realização de experiências pedagógicas, estão em desvantagem, quando comparadas com as respostas anteriores.

De um modo geral, pode-se dizer que existe cooperação entre os docentes da EBI da Maia.

8 - RESULTADOS DOS ALUNOS

Tratando-se de uma EBI, e apesar de serem tratados os dados referentes à Língua Portuguesa no 2.º e 3.º ciclos, torna-se pertinente apresentar também um quadro-síntese que mostra os alunos transitados e os não transitados nos três anos do 1.º ciclo.

Qualidade do sucesso

ANOS DE ESCOLARIDADE	ALUNOS TRANSITADOS	ALUNOS RETIDOS
2.º	87	66
3.º	99	27
4.º	87	19
TOTAIS	273	112

A análise do quadro permite ver que o ano em que se verificou maior número de alunos retidos foi o 2.º.

Relativamente ao número de alunos transitados, é no 3.º ano que se encontra o valor mais elevado.

No âmbito da qualidade do sucesso escolar, foram consideradas as percentagens de transição dos alunos com ou sem aproveitamento referentes ao ano transacto (2001/2002), em termos relativos, uma vez que a análise em termos absolutos apresentar-nos-ia, na maioria das situações, uma leitura diferente.

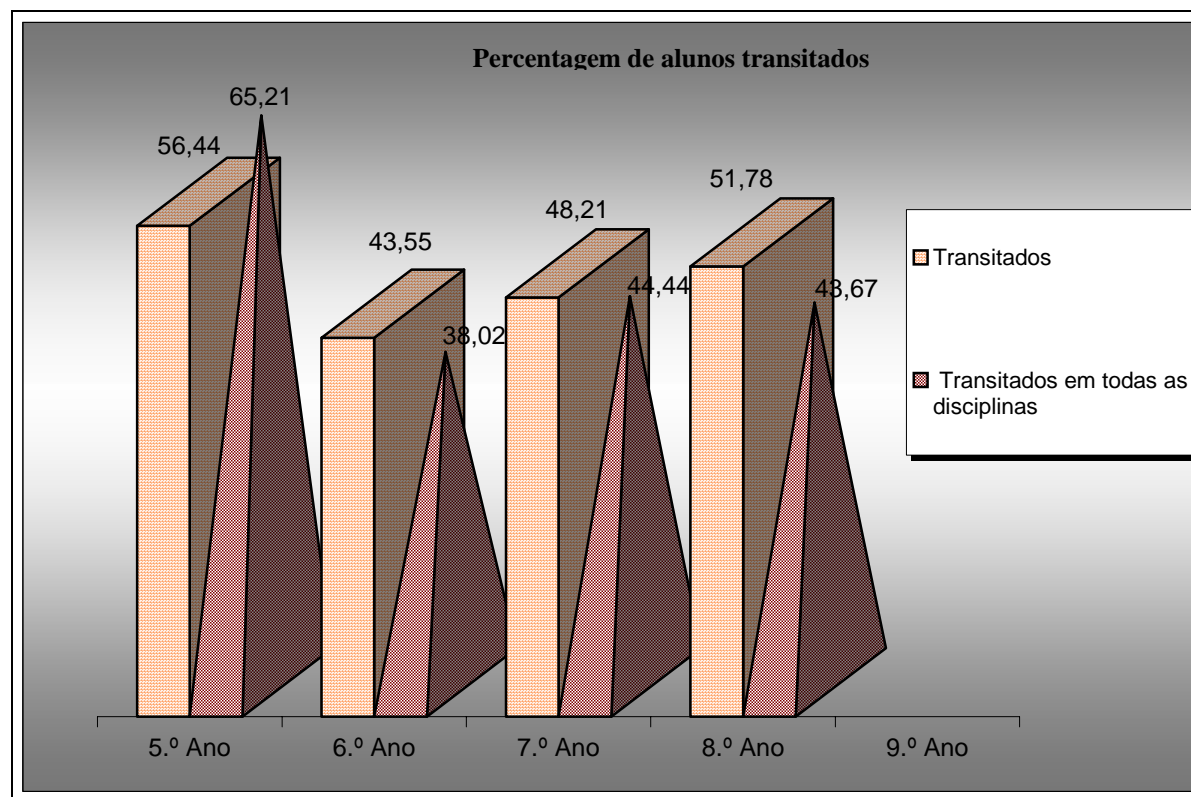


Gráfico 30 – (cfr. legenda nos anexos)

A percentagem de alunos **transitados** e **transitados com aprovação em todas as disciplinas**, expressa no gráfico 30, permite-nos inferir que, a nível do 2.º e 3.º ciclos, ela varia entre os **38,02%** e os **65,21%**, verificando-se maior incidência de percentagem de transitados no 5.º ano de escolaridade.

Verificamos desta forma que a percentagem de alunos **transitados** no 2.º ciclo varia entre os **43,55%** e os **56,44%**, com maior tendência, também, para os alunos do 5.º ano.

No que se refere ao 3.º ciclo, a percentagem varia entre os **48,21%** e os **51,76%**, com maior tendência para os alunos do 8.º ano e menor para os do 7.º ano.

No que concerne à percentagem de alunos **transitados com aprovação em todas as disciplinas**, verificamos ainda, através do gráfico 31, que no 2.º ciclo, ela varia entre os **38,02%** e os **65,21%**. Relativamente ao 3.º ciclo, a percentagem apresenta uma ligeira variação, oscilando entre os **43,67%** e os **44,44%**, com maior tendência para os alunos do 7.º e menor para os do 8.º ano de escolaridade.

Muito embora na escola em questão ainda não existisse o 9.º ano de escolaridade, em síntese, pode-se dizer que a percentagem de alunos que transita é maior no 2.º ciclo, quando comparados os dois ciclos entre si.

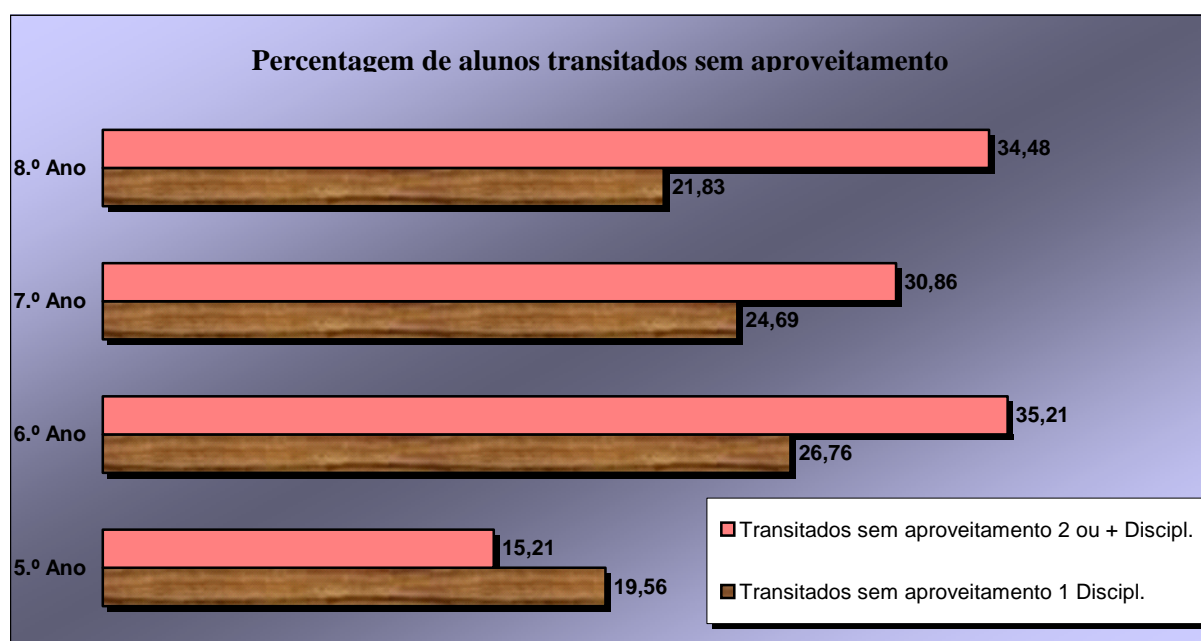


Gráfico 31 – (cfr. legenda nos anexos)

A leitura do gráfico 31 permite-nos verificar a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a uma disciplina ou a duas ou mais**.

Assim, podemos inferir que a nível do 2.º e 3.º ciclos a percentagem varia entre os **15,21%** e os **34,48%**, com tendência para os transitados sem aproveitamento a duas ou mais disciplinas no 3.º ciclo (apenas 7.º e 8.º anos).

Verificamos desta forma que a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a uma disciplina**, no 2.º ciclo, varia entre os **19,56%** e os **26,76%**. No que se refere ao 3.º ciclo, a percentagem varia entre os **21,83%** do 8.º ano e os **24,69%** do 7.º.

No que concerne à percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a duas ou mais disciplinas**, verificamos através do mesmo gráfico que, no 2.º ciclo, ela varia entre os **15,21%** e os **35,21%**, com tendência para os alunos do 6.º ano. Relativamente ao 3.º ciclo, a percentagem oscila entre os **30,86%** e os **34,48%**, com maior tendência para os do 8.º ano e menor para os alunos do 7.º ano.

Em síntese, podemos afirmar que a percentagem de alunos que transita sem aproveitamento a duas ou mais disciplinas é maior em ambos os ciclos, quando comparada com os alunos transitados sem aproveitamento a uma disciplina

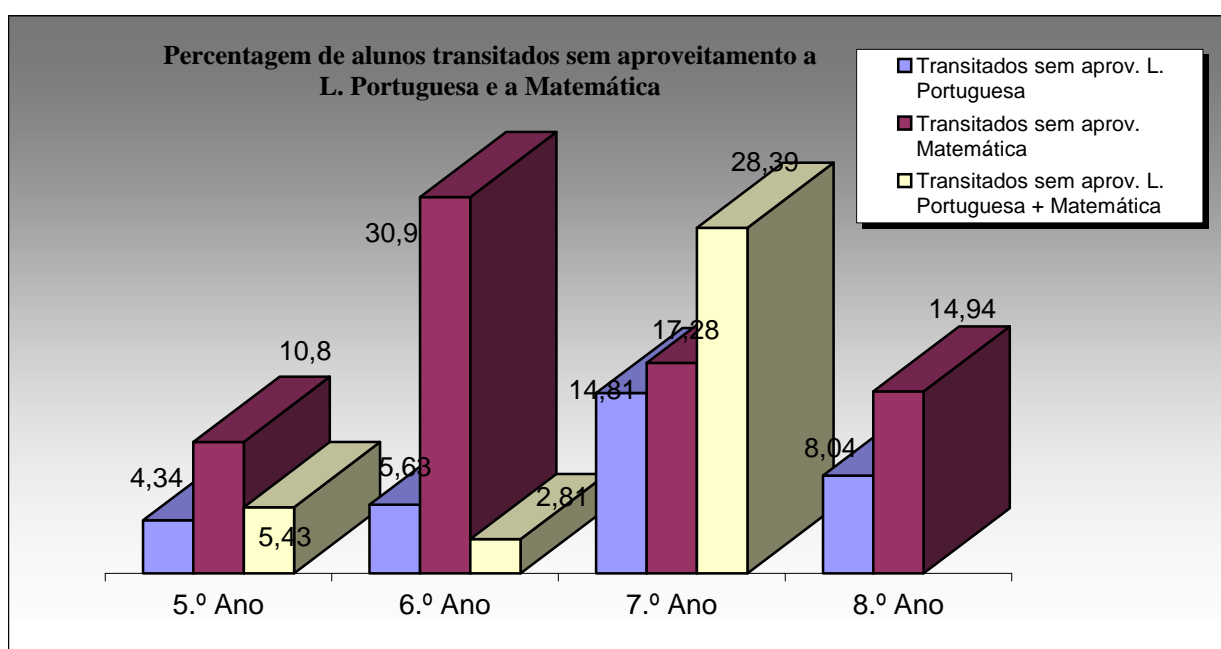


Gráfico 32 – (cfr. legenda nos anexos)

O gráfico 32 permite ilustrar a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Língua Portuguesa, ou a Matemática ou ainda a ambas as disciplinas**. Assim, pode-se inferir que a nível do 2.º e 3.º ciclos a percentagem de alunos que transita com estes défices varia entre os 2,81% e os 30,9%, com tendência para os transitados sem aproveitamento em Língua Portuguesa e Matemática no 2.º ciclo e para os transitados sem aproveitamento em Matemática no 3.º ciclo (apenas com 7.º e 8.º anos).

Constata-se desta forma que a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Língua Portuguesa**, no 2.º ciclo, varia entre os **4,34%** e os **5,63%**, com tendência para os alunos do 6.º ano. Se analisarmos a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Matemática**, verifica-se que ela é mais elevada, oscilando deste modo entre **10,8%** e **30,9%**, com tendência para os alunos do 6.º ano.

Ao analisarmos a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Língua Portuguesa e a Matemática**, vê-se que ela varia entre **2,81%** e **5,43%**, com tendência para os alunos do 5.º ano.

Quando se refere ao 3.º ciclo (7.º e 8.º anos apenas), a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Língua Portuguesa**, varia entre os **8,04%** e os **14,81%**, com maior tendência para os alunos do 7.º ano e menor para os do 8.º ano. Ao analisar a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Matemática**, verifica-se que a tendência mantém-se, oscilando entre **14,94%** e **17,28%**, com tendência para o 7.º ano. Analisada a percentagem de alunos **transitados sem aproveitamento a Língua Portuguesa e a Matemática**, verifica-se apenas a existência de **28,39%** de alunos do 7.º ano nesta situação, não havendo, deste modo, nenhum aluno do 8.º ano com estas características.

Assim sendo, a percentagem de alunos que transita sem aproveitamento a Língua Portuguesa ou a Matemática, quando comparados os dois ciclos entre si tende para a Matemática, no 3.º ciclo.

Por outro lado, pode-se dizer que a percentagem de alunos que transita sem aproveitamento a Língua Portuguesa e Matemática, quando comparados os dois ciclos entre si, é também maior no 3.º ciclo (apenas no 7.º ano).

Taxa de abandono real

No que diz respeito ao abandono escolar, o gráfico 33 apresenta-nos a percentagem de alunos que abandonaram a escola.

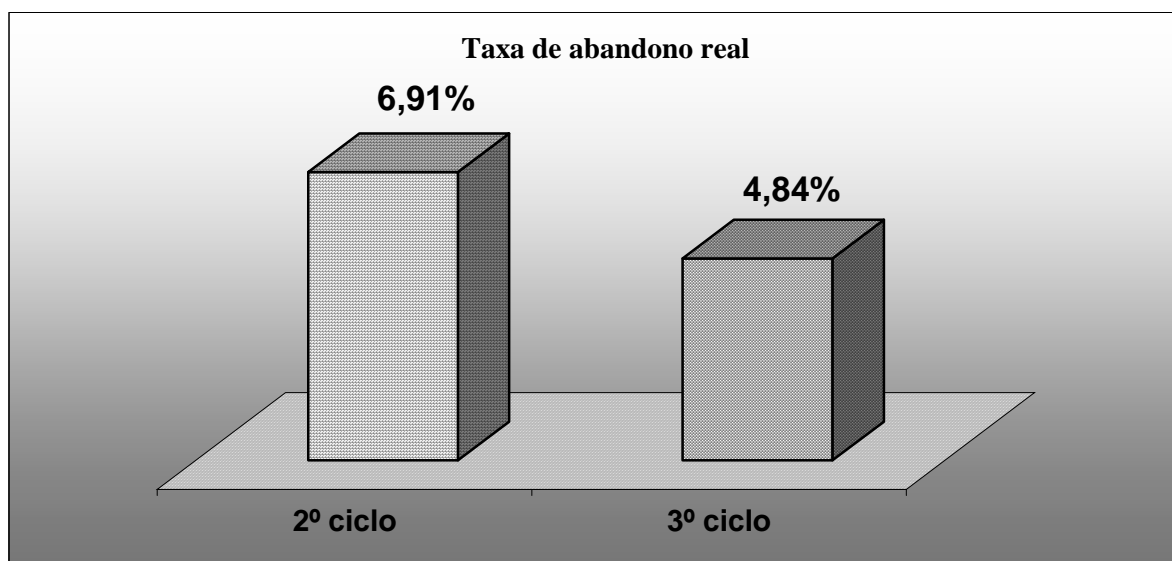


Gráfico 33

Podemos verificar deste modo que a percentagem de abandono escolar, se considerada em termos relativos (**6,91%**), teve maior incidência nos alunos que frequentaram o 2.º ciclo.

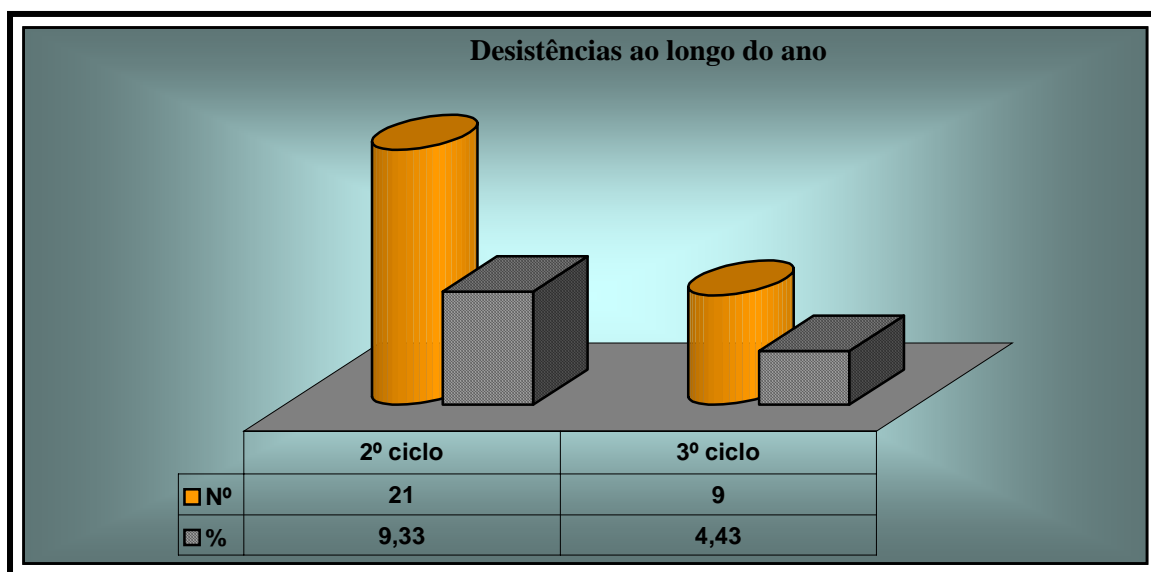


Gráfico 34

A leitura do gráfico 34 permite afirmar que, também em termos absolutos, foram os alunos do 2.º ciclo que apresentaram maior abandono escolar.

Percurso de uma geração de alunos

No âmbito do sucesso escolar, interessou-nos particularmente ver o percurso de uma geração de alunos, ou seja, aqueles que durante dois anos fizeram a sua escolaridade no que concerne ao número dos alunos que iniciaram e dos que terminaram o 2.º ciclo.

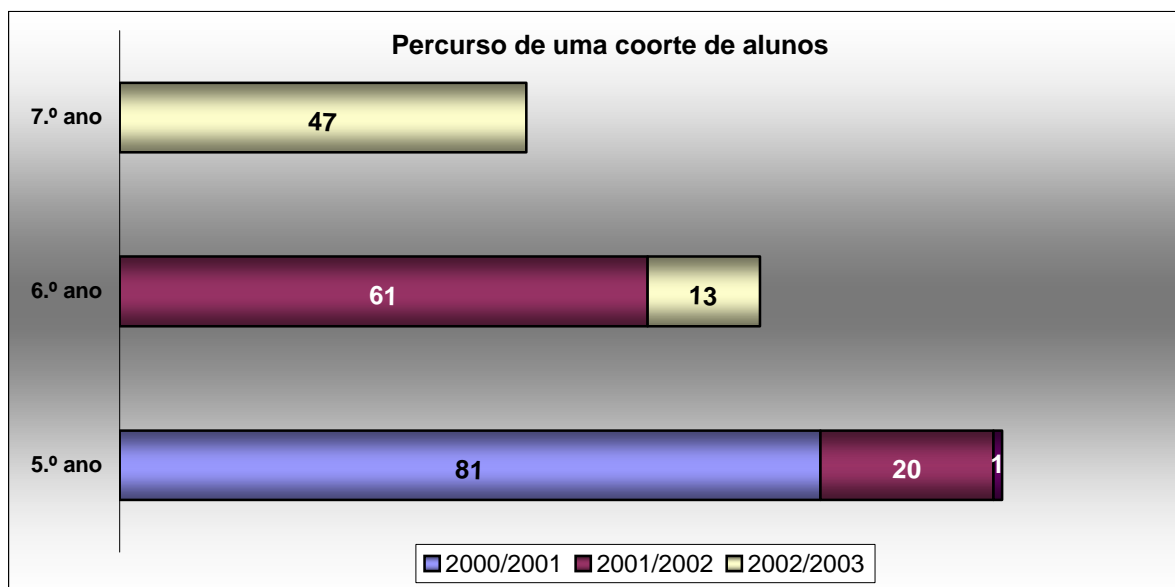


Gráfico 35 –(cfr. legenda nos anexos)

Assim, podemos verificar através do gráfico 35, que iniciaram no 5.º ano de escolaridade em 2000/2001, **101** alunos e terminaram, passados dois anos, apenas **47** alunos.

Se analisarmos o gráfico por ciclos, constatamos que terminaram o 2.º ciclo **47** alunos dos **101** que o iniciaram, o que permite afirmar que **33** alunos não conseguiram realizar este ciclo em dois anos, tendo iniciado o 3.º ciclo apenas **47** alunos.

O número de transferências e de saídas poder-se-á considerar como irrelevante, uma vez que apenas um aluno foi transferido.

CAPÍTULO III

1 - O DESEMPENHO DA ESCOLA

INSTRUMENTOS DE AUTONOMIA DA ESCOLA

Projecto Educativo de Escola (PEE)

O PEE contempla como uma das suas prioridades *o encontro de formas de comunicação e participação*, tendo como ideia nuclear **tornar possível... uma escola melhor.**

O PEE resulta do diagnóstico da escola recorrendo a instrumentos de recolha objectivos, selecciona informação relevante e contempla as diferentes dimensões da vida da escola:

Faz o diagnóstico da escola:

- através da caracterização da escola e do meio
- da caracterização do contexto sociocultural e familiar dos alunos

Faz a identificação dos problemas da escola:

- problemas de comunicação
- população escolar oriunda de meios socioculturais diversificados e desfavorecidos
- alunos com dificuldades de aprendizagem, desmotivados, evidenciando pobreza de vocabulário
- alunos com problemas de comportamento onde impera a agressividade, a rebeldia e a falta de autonomia
- população docente estável mas desmotivada e resistente à mudança
- população não docente com dificuldades de relacionamento, onde o empenhamento e a responsabilidade necessitam de uma atenção específicas

Define prioridades:

- criar espaços onde a relação afectiva seja valorizada como forma do saber estar consigo e com o outro
- criar condições para despertar o desejo de aprender
- desenvolver o sentido estético e crítico
- valorizar os saberes da comunidade
- criar a necessidade da inovação

Contempla os seguintes domínios de intervenção decorrentes dos princípios orientadores/finalidades/objectivos:

- autonomia
- escola/meio
- clima
- organização pedagógica
- sucesso educativo
- currículos

A sua elaboração foi perspectivada numa estratégia mobilizadora de toda a escola, contando com a participação de elementos representantes dos vários sectores da comunidade educativa.

Contempla ainda outros domínios:

- valorização do conselho de turma e da turma como espaços essenciais de reflexão e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem
- implementação de medidas com vista a promover a formação contínua (pessoal docente e não docente)
- operacionalização do refeitório

As suas opções básicas e linhas orientadoras definem a filosofia educativa da escola, são exequíveis e articulam-se com as prioridades definidas, de forma clara e precisa.

O PEE prevê a sua avaliação trimestralmente.

Plano Anual de Actividades (PAA)

O PAA apresenta-se com uma **estrutura adequada** às opções básicas e linhas orientadoras formuladas no PEE.

As linhas de acção ou estratégias do PAA **estão articuladas** com as opções básicas e linhas orientadoras formuladas no PEE.

Respeita o tema do PEE “**tornar possível...uma escola melhor**” e apresenta uma organização que articula actividades em termos de escola básica integrada.

As actividades do PAA evidenciam a **presença da componente curricular**.

O PAA é um documento actualizado e articulado.

As actividades enunciadas no PAA agregam de forma equilibrada componentes **disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares** :

- programas de valorização da língua portuguesa
- programas de dimensão intercultural
- programas de formação pessoal e social
- programas de intercâmbio escolar/semanas disciplinares

As actividades previstas no PAA revelam que a escola **prossegue estratégias de equidade**, adaptadas às características e necessidades dos alunos.

As actividades do PAA dirigem-se a um conjunto diversificado de destinatários:

- alunos, professores, funcionários, pais/encarregados de educação

As actividades do PAA contemplam **acções de formação adequadas às necessidades dos destinatários:**

- reciclagem: sensibilizar para a necessidade de preservar a natureza
- promover a ligação entre os saberes adquiridos e a sua aplicação em situações do dia a dia

- sensibilizar para a necessidade de prevenção das dependências químicas

As actividades do PAA propiciam, de um modo geral, **oportunidades de socialização** aos intervenientes da comunidade educativa:

- acolhimento aos novos alunos
- celebração de efemérides
- visitas de estudo e passeios
- festas de final de ano
- semana das línguas
- semana dos Açores

Os espaços e recursos educativos da escola são otimizados para a realização das actividades do PAA.

Regulamento Interno (RI)

Apresenta articulação e adequação com as opções básicas e linhas orientadoras formuladas no PEE.

Enuncia os direitos e deveres dos actores internos (professores, alunos e funcionários não docentes) e externos (pais, encarregados de educação e outros).

Combina, de uma forma equilibrada, a dimensão dos direitos e dos deveres.

Contempla as atribuições/competências dos órgãos da escola, de acordo com o normativo legal.

Regula o funcionamento dos diferentes espaços da escola.

As regras definidas não são uma mera transcrição dos normativos legais em vigor, embora se verifique a remissão para os mesmos. Referem aspectos específicos do funcionamento da escola (inventário entre outros).

Contempla as funções da avaliação.

A sua elaboração foi participada.

Foi divulgado e envidados esforços conducentes à aplicação e respeito pelas suas disposições, por toda a comunidade abrangida.

FUNCIONAMENTO DOS ÓRGÃOS DE GESTÃO

CONSELHO EXECUTIVO

A matriz para elaboração dos Projectos Curriculares de Turma, entre outras iniciativas, revela *preocupação pedagógica e empenhamento* do órgão.

A iniciativa de criação de provas aferidas na escola para o 5.º ano evidencia *preocupação com o controlo da aprendizagem*.

A mobilização e coordenação dos recursos educativos existentes na escola revela a consciência por parte do órgão de que *são Escola Básica Integrada*.

As actas do Conselho Executivo reflectem a preocupação com:

- os aspectos pedagógicos associados não só aos alunos mas também aos docentes
- *a reorganização curricular (reformulação dos PCT)*
- *a avaliação dos alunos (revisão dos critérios de avaliação, fichas de avaliação e divulgação dos mesmos)*
- *a mobilização dos recursos educativos existentes na escola*
- *a distribuição do poder internamente (reunindo semanalmente com as chefias intermédias)*

As determinações do Conselho Pedagógico, nomeadamente as relacionadas com a avaliação, são executadas por este órgão.

São elaborados relatórios periódicos de execução do PAA (foi realizado o relatório das actividades implementadas no 1.º período do ano lectivo de 2002/2003).

Foi referida a existência de delegação de competências embora as mesmas não estejam formalizadas em documento próprio.

CONSELHO PEDAGÓGICO

Da leitura e análise dos documentos assim como das entrevistas realizadas, verificou-se que:

-Foram constituídas comissões de trabalho para definir os critérios de avaliação bem como elaborar mapas, grelhas de registo de avaliação e pautas referentes aos três ciclos;

-O conselho pedagógico *define os critérios de avaliação dos alunos*, no início do ano, para cada ciclo e ano de escolaridade;

-Reflectiu sobre a necessidade dos critérios de avaliação serem dados a conhecer aos pais;

-Definiu princípios gerais nos domínios da *articulação e diversificação curricular, dos apoios e complementos educativos e das modalidades especiais de educação escolar*;

- Reflectiu e analisou a *reorganização curricular*, prevendo formas da sua execução;
- Dedica atenção específica aos Projectos Curriculares de Turma;
- É feita a articulação entre os diferentes ciclos;
- Existe preocupação com a avaliação dos alunos, reflectindo-se sobre a mesma;
- É feita a apreciação do trabalho desenvolvido pelas equipas encarregues de preparar o ano lectivo seguinte;
- Propõe o desenvolvimento de experiências de inovação pedagógica e de formação, no âmbito da escola nomeadamente reuniões mensais de formação sobre a avaliação com encarregados de educação e docentes de todos os ciclos;
- O PAA foi discutido e analisado;
- Procede ao acompanhamento e avaliação das suas deliberações e recomendações.

COORDENADORES/DIRECTORES/CONSELHOS DE TURMA

A atenção dispensada aos alunos que iniciam o 2.º ciclo é visível na entrega do Regulamento Interno da escola, em linguagem simples e adequada ao nível etário.

A modalidade de apoio educativo valorizada é a actividade desenvolvida na Sala de Estudo, em articulação com a área de Estudo Acompanhado.

A orientação do conselho pedagógico/executivo relativa à organização dos dossiês de turma é executada com eficiência.

Os cadernos de registo das actividades diárias das turmas analisadas, apresentam-se devidamente organizados, reflectindo um trabalho orientado da sala de aula.

A avaliação contempla os vários domínios: do conhecimento, das competências, das atitudes e valores, de uma forma estruturada, prevendo formas de auto e hetero-avaliação.

Foram implementadas actividades de enriquecimento curricular, no âmbito dos clubes (cerâmica, informática, jornalismo, matemática e sala de jogos). Este procedimento reflecte a preocupação da escola em proporcionar aos alunos não só enriquecimento curricular, mas também ocupação de tempos livres.

As introduções explicativas reflectem o domínio da linguagem específica da reorganização curricular

Os Projectos Curriculares de Turma (PCT) fazem o diagnóstico da turma, apresentam diversidade de actividades e de metodologias, correspondendo assim à matriz elaborada pelo Conselho Executivo.

Na análise dos PCT foi visível o respectivo reajustamento.

Recorrem a instrumentos de avaliação diversificados.

Os planos individuais dos alunos apresentam actividades de individualização, propondo tarefas ajustadas e compatíveis com o aluno a que se destinam.

Os livros de registo dos sumários das turmas observadas apresentam alguma falta de cuidado na sua apresentação (rasuras, uso do corrector, expressões riscadas, espaços por preencher, registos a lápis, ausência de alguns sumários).

As planificações observadas são detalhadas e procuram dar resposta às necessidades da turma.

DEPARTAMENTO CURRICULAR/GRUPO DISCIPLINAR

Os critérios de avaliação definidos em conselho pedagógico são operacionalizados no departamento a que pertence a disciplina de Língua Portuguesa e no respectivo grupo disciplinar.

A prática da avaliação formativa, bem como o recurso a instrumentos de avaliação diversificados, são referidos nos documentos observados.

Analisa-se a avaliação do 1.º período e propõem-se medidas de apoio educativo.

A reflexão e a análise sobre a reorganização curricular são evidentes nos documentos destes órgãos.

A criação de coordenadores para as novas áreas curriculares não disciplinares de Estudo Acompanhado e Área de Projecto evidencia a preocupação com a implementação da reorganização curricular.

As actas das reuniões deste órgão, uma das estruturas de orientação educativa, previstas no artigo 34.º do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, alterado pela Lei n.º 24/99, de 22 de Abril, e adaptado à Região pelo Decreto Legislativo Regional n.º 18/99/A, de 21 de Maio, com carácter abrangente e predominantemente pedagógico, reflectem de forma implícita o tratamento e a análise de assuntos dessa natureza.

Verificou-se o cumprimento das funções respeitantes às estruturas de orientação educativa, em observância das disposições constantes do Decreto Regulamentar Regional n.º 26/2002/A, de 11 de Setembro, especificamente nos pontos referentes à *execução de tarefas de articulação curricular, promovendo a cooperação entre docentes que integram o departamento e deste com os restantes departamentos da escola; à adequação dos currículos aos interesses específicos dos alunos, desenvolvendo as necessárias medidas de diversificação curricular e de adaptação às condições específicas da escola.*

2 - RECOMENDAÇÕES

Em presença dos dados recolhidos, das entrevistas realizadas e dos documentos analisados, recomendamos:

- O cumprimento, na preparação do ano lectivo, do disposto no n.º 1 do artigo 27.º do Regulamento de Gestão Administrativa e Pedagógica de Alunos, aprovado pela Portaria n.º 9/2004, de 12 de Fevereiro (critérios de constituição de turmas);
- A implementação de medidas reguladoras da prática pedagógica, ao nível da avaliação;
- Uma planificação que contemple e privilegie a característica individualizadora da aprendizagem;
- A avaliação e reformulação periódica dos PCT assim como a inclusão de instrumentos de auto e hetero-avaliação;
- Uma linguagem precisa e objectiva nas fichas de informação aos directores de turma;
- A implementação da avaliação formativa, como motivo e motor da prática pedagógica, em obediência ao disposto no artigo 8.º do normativo em vigor na Região para avaliação no ensino básico (Portaria n.º 62/2001, de 25 de Outubro);
- O cumprimento, pelo departamento objecto desta auditoria, do que respeita à articulação curricular;
- Definição da periodicidade de devolução aos alunos dos trabalhos realizados na sala de aula (1.º ciclo);
- A organização do processo individual dos alunos (1.º ciclo), com documentos significativos do seu percurso escolar, para além dos formais;
- A implementação de estratégias que visem o cumprimento dos programas e do disposto nos artigos 65.º e 67.º do Regulamento já referido;
- O reforço da articulação entre os três ciclos, quer no plano curricular quer na organização de processos de acompanhamento que assegurem uma maior qualidade das aprendizagens;
- A valorização das actividades que se prendem com a turma, centro aglutinador das aprendizagens, facilitada pelo progressivo grau de profissionalização dos docentes;
- O reforço dos aspectos pedagógicos nas reuniões de departamento curricular, uma das estruturas de orientação educativa, previstas no artigo 34.º do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos da Educação Pré Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário;
- A reanálise trimestral (e sempre que se afigure necessária) dos PCT, quando das reuniões de avaliação sumativa, a fim de efectuar eventuais reajustamentos e/ou apresentação de

propostas para o ano seguinte, de acordo com o n.º 5 do artigo 9.º da Portaria n.º 62/2001, de 25 de Outubro;

- O cumprimento do estipulado nos normativos para a elaboração do PI;
- A elaboração dos planos educativos individuais em qualquer momento do ano lectivo e sempre que qualquer modalidade de avaliação assim o justifique, cumprindo o estipulado no artigo 42.º da Portaria n.º 9/2004, de 12 de Fevereiro;
- A prática efectiva da auto-avaliação ao longo do ano, como forma não só de os alunos serem co-participantes no seu próprio processo de aprendizagem, mas também para dar cumprimento ao disposto na alínea f) do n.º 3 do artigo 6.º da Portaria n.º 62/2001, de 25 de Outubro;
- A definição, no Regulamento Interno da Escola, da forma de participação dos pais no processo de avaliação dos alunos, de acordo com o postulado na alínea b) do n.º 1 do artigo 5.º da Portaria n.º 62/2001, de 25 de Outubro;
- A atenção às funções atribuídas às estruturas de orientação educativa, com vista ao cumprimento das disposições constantes do Decreto Regulamentar Regional n.º 26/2002/A, de 11 de Setembro.

As Inspectoras Superiores Principais

Maria Filomena Tavares Silva de Medeiros
Maria Amélia Correia de Campos

ANEXOS

Legendas/gráficos

Nível profissional das famílias

A	Agricultores e pescas independentes
B	Empresário da indústria ou comércio
C	Quadro técnico
D	Empregado do comércio e serviços
E	Trabalhador de construção civil
F	Trabalhador agrícola ou da pesca
G	Serviços pessoais/domésticos
H	Professor
I	Militar
J	Doméstica
L	Serviços Temporários
M	Desempregados
N	Reformados
O	Outros

1. NÍVEL DE SATISFAÇÃO

- 3 – sempre;
2 – bastantes vezes;
1 – nunca.

Professores

1	Sinto-me integrado numa equipa
2	Quando preciso usar recursos audiovisuais, informáticos ou outros é fácil resolver a situação
3	A minha relação com os Serviços de Administração Escolar é amistosa e cordial
4	Sinto que os meus colegas confiam no meu trabalho
5	Os meus colegas reconhecem o meu desempenho profissional
6	A direcção da escola é muito importante
7	As regras de funcionamento são claras e justas
8	O sucesso dos alunos é a nossa preocupação e os resultados estão à vista
9	Mesmo que pudesse, não mudava de escola

Alunos

1	A escola ajudou-me a escolher a área de estudos
2	Os meus professores expõem a matéria com clareza e tiram as minhas dúvidas
3	Os serviços de apoio e administrativos da escola funcionam de acordo com as minhas necessidades
4	Os funcionários da escola manifestam disposição para me ajudar quando preciso
5	Os alunos, de um modo geral, colaboram para melhorar o tempo passado na escola
6	Os alunos são informados com antecedência sobre tudo o que lhes interessa e diz respeito à vida da escola
7	A minha escola é divertida
8	A escola é exigente
9	Mesmo que pudesse não mudava de escola

Pessoal não docente

1	Os colegas de trabalho ajudam-se uns aos outros
2	Quando desempenho uma tarefa, sinto-me protegido pelo meu superior hierárquico
3	A organização do trabalho depende também das minhas sugestões
4	Os professores e os alunos da escola respeitam o meu trabalho
5	Quando não concordo, não tenho problema em fazer sugestões
6	Os alunos da escola respeitam o meu trabalho
7	Gostava de fazer outras coisas na escola
8	Acho que estou a trabalhar no lugar certo

Pais e encarregados de educação

1	A escola do meu educando inspira-me confiança
2	É fácil contactar com o DT ou o CE da escola do meu educando
3	Os professores são exigentes
4	Os serviços de apoio (cantina, bar) e o pessoal não docente satisfazem as necessidades do meu educando
5	De facto, o meu educando aprende nesta escola
6	A escola envia-me toda a informação sobre as suas actividades
7	As reuniões da escola são úteis
8	O meu educando está em segurança
9	Mesmo que pudesse, não mudaria o meu educando para outra escola

2. EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO

1	Computadores
2	Retroprojector
3	Calculadoras Científicas
4	Viewscreen
5	Câmara de vídeo
6	Máquina fotográfica
7	Projector multimédia
8	Projector de diapositivos
9	Radio c/ leitor de CD
10	Radio c/ leitor de cassete
11	Televisor
12	Vídeo
13	Impressora
14	Fotocopiadora
15	Scanner
16	Computador de venda de senhas

3. NÍVEL DE QUALIDADE E BEM-ESTAR

- 3 – sempre;
2 – bastantes vezes;
1 – nunca.

Docentes/Alunos/Não docentes

1	A escola vista de fora tem um aspecto cuidado
2	Os espaços em volta do edifício são bonitos, bem tratados
3	Quando se entra na escola “cheira” a limpeza
4	Há muita gente, mas a escola é sossegada
5	As salas de aula são acolhedoras e com graça
6	As salas são claras e bem iluminadas
7	Mesas e cadeiras são confortáveis
8	Todo o equipamento está bem conservado
9	Material que se estraga, material que se arranja
10	A nossa sala de convívio é um lugar confortável
11	Os recreios são amplos e agradáveis
12	A escola é nossa e serve os outros também

4. PARTICIPAÇÃO NA TOMADA DE DECISÃO

- 3 – sempre;
2 – bastantes vezes;
1 – nunca.

Docentes

A	Distribuição do serviço docente
B	Seleção e definição dos objectivos de orientação curricular da escola
C	Avaliação das aprendizagens: processos, instrumentos e resultados dos alunos
D	Gestão dos programas curriculares
E	Metodologias de ensino
F	Seleção de manuais escolares
G	Planificação e organização de visitas de estudo
H	Planificação e organização de festas e actividades culturais
I	Projecto educativo da escola
J	Plano anual da escola
L	Critérios de formação de turmas
M	Calendarização das reuniões
N	Organização do regulamento interno
O	Gestão dos espaços físicos
P	Projecto de orçamento da escola
Q	Elaboração e gestão do orçamento do grupo
R	Aquisição de recursos materiais/equipamentos
S	Questões de ordem disciplinar
T	Organização de acções de formação

Alunos

A	Organização do regulamento interno
B	Organização de actividades de tempos livres
C	Questões de ordem disciplinar
D	Elaboração do projecto educativo
E	Elaboração do plano anual da escola
F	Objectivos a atingir ao longo do ano
G	Programação e organização das visitas de estudo
H	Programação e organização de actividades culturais
I	Horários de funcionamento dos serviços da escola (papellaria, secretaria...)

Não docente

A	Distribuição de serviço
B	Organização das escalas de serviço
G	Eleição dos seus representantes no Conselho Executivo
H	Segurança das instalações
I	Distribuição dos espaços físicos (sala de funcionários, gabinete do chefe dos serviços ...)
J	Elaboração de um plano de actividades de formação
L	Elaboração do orçamento (nas rubricas que lhes podem dizer respeito tais como aquisição de fardamento, artigos de limpeza, etc)
M	Classificação de serviço

Pais e encarregados de educação

A	O regulamento interno da escola
B	O projecto educativo da escola
C	O plano de actividades culturais e desportivas
D	As questões disciplinares e de comportamento dos alunos em geral
E	As questões disciplinares e de comportamento do seu educando
F	As questões relativas ao aproveitamento escolar dos alunos em geral
G	As questões relativas ao aproveitamento escolar do seu educando
H	Criação e organização da Associação de Pais
I	As questões de segurança da escola
J	Organização do calendário escolar

5. COOPERAÇÃO ENTRE PROFESSORES

- 3 – sempre;
 2 – bastantes vezes;
 1 – nunca.

Apoio a colegas menos experientes
Preparação de aulas sobre novas matérias
Discussão de problemas de integração
Preparação de reuniões de pais
Construção de materiais de ensino
Elaboração de fichas de avaliação
Organização de actividades culturais
Preparação de reuniões com entidades exteriores à escola
Organização de apoios e complementos educativos
Colaboração com profs. de outros ciclos de escolaridade
Discussão do aproveitamento dos alunos
Discussão de questões disciplinares e de comportamentos dos alunos
Discussão de estratégias a adoptar para alunos com problemas
Realização de experiências pedagógicas
Discussão de problemas da condição docente
Formulação de objectivos pedagógicos para a sua disciplina
Definição de objectivos pedagógicos para a turma
Planificação de várias unidades programáticas
Organização de projectos e iniciativas
Análise dos aspectos positivos e negativos do funcionamento da escola